



40 ANOS
A CRIAR FUTURO

3

**Mensagem
do Presidente da Assembleia da República,
Eduardo Ferro Rodrigues**

Manuel Heitor,
Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

4

7

Helena Pereira,
Presidente da Fundação para a Ciência e Tecnologia

CRIAÇÃO

José Vitorino
Luis Filipe Madeira
Carlos Brito
João Pereira Neto
Luis Valente de Oliveira

8

16

INSTALAÇÃO

Sadat Muzavor
Fausto Martins de Carvalho
João Macedo Rodrigues
Os primeiros cursos
Biologia Marinha e Pescas
Hortofruticultura
Gestão de Empresas

CRESCIMENTO

Adriano Pimpão
José Pedro Andrade
Ludgero Sequeira
Cândida Barroso

26

36

INVESTIGAÇÃO

João Guerreiro
Guilherme d' Oliveira Martins
Adelino Canário
Amadeu Cardoso
Maria Augusta Ferreira
Nuno Mourão Carvalho

INTERNACIONALIZAÇÃO

António Branco
Teresa Cerveira Borges

46

50

**Testemunhos – Presidentes das Câmaras
Municipais do Algarve**

Pedro Ornelas,
Presidente da Associação Académica

52

FICHA TÉCNICA

TÍTULO UALGzine, Revista da Universidade do Algarve **PROPRIEDADE** Universidade do Algarve **DIREÇÃO** Paulo Águas **EDIÇÃO** André Botelho e Laura Alves
REDAÇÃO Gabinete de Comunicação: Laura Alves, Marta Cascalheira e Jorge Silva **DESIGN/PAGINAÇÃO** Ludovico Silva, Sarita Camacho e Vladislava Moscaliova
IMPRESSÃO Flat Field, Lda. **ISSN** 1646-639X **DEPÓSITO LEGAL** 251786/06 **TIRAGEM** 30.000 exemplares **PERIODICIDADE** Anual



A Universidade do Algarve é uma instituição singular. Desde logo, por ser a única Instituição de Ensino Superior cuja **CRIAÇÃO** ocorre na Assembleia da República, por iniciativa dos representantes do povo. A Lei n.º 11/79, de 28 março, estabelecia que os planos de cursos a desenvolver deveriam ter em conta características, potencialidades e necessidades da região e do país, nos aspetos económico, social e cultural.

O período de **INSTALAÇÃO** esteve sujeito a grandes dificuldades, impostas pela escassez de recursos e pelo contexto institucional inerente ao processo de consolidação do regime democrático, em curso à época. Daí que a inscrição dos primeiros estudantes, nas Licenciaturas em Biologia Marinha e Pescas, Gestão de Empresas e Hortofruticultura, tenha ocorrido apenas a 10 de outubro de 1983. E dez anos após a sua criação, no ano letivo 1989/90, o número de estudantes ainda não tinha atingido o meio milhar (467).

Os dez anos seguintes foram marcados por uma forte expansão. A taxa de **CRESCIMENTO** anual do número de estudantes foi superior a 20%, ficando próximo dos dez mil em 1999. É também a década da autonomia, com a aprovação, em 1991, dos primeiros Estatutos que, através da integração das Escolas do Instituto Politécnico de Faro, criado igualmente em 1979 e que viria a ser extinto em 1992, introduzem uma nova singularidade e uma marca identitária e distintiva no panorama das Universidades Portuguesas.

Ao longo dos últimos 40 anos a missão das universidades tem vindo a evoluir, com uma crescente ênfase na criação de conhecimento e na sua translação para a sociedade. A criação da Fundação para a Ciência e Tecnologia, em 1997, sucedendo à Junta Nacional de Investigação Científica, marca uma alteração profunda na política de ciência (**INVESTIGAÇÃO**) em Portugal, sendo, a par da Declaração de Bolonha (19/06/99) que desencadeou a reforma dos graus de ensino, o elemento mais impulsionador de mudança na terceira década de existência da Universidade do Algarve.

A última década tem sido profundamente marcada pela **INTERNACIONALIZAÇÃO**, a qual não pode ser entendida apenas como captação de estudantes internacionais, onde a UAlg, aliás, tem vindo a registar um êxito assinalável pois mais de 20% dos seus atuais estudantes são de nacionalidade estrangeira. A internacionalização deve alicerçar-se na criação de redes de investigação e de alianças estratégicas entre instituições, dimensões em que já temos trabalho realizado e que continuaremos a desenvolver.

Criação, Instalação, Crescimento, Investigação e Internacionalização constituem o fio condutor para contar o percurso dos primeiros 40 anos da Universidade do Algarve. Uma história de sucesso da Instituição que, na opinião de muitos, se tornou na principal referência da região Algarve.

E o futuro? Continuaremos comprometidos com a qualificação das pessoas, jovens e menos jovens, com a criação de conhecimento, privilegiando a sua transferência para a sociedade, nomeadamente as empresas. Cooperação, concorrência, inovação científica e inovação pedagógica estarão mais presentes. A nossa próxima década será fortemente influenciada pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável definidos pelas Nações Unidas e pelo Horizonte Europa, o novo programa de investigação e de inovação da União Europeia.

Mas o fim último será sempre contribuir, através do Conhecimento e da Qualificação das pessoas, para a construção de uma sociedade mais justa, mais inclusiva, mais responsável e com melhor qualidade de vida.

Paulo Águas

REITOR DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE





ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

O Presidente



40 ANOS DE UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Mensagem do Presidente da Assembleia da República por ocasião das Comemorações do 40.º Aniversário da Universidade do Algarve

É com grande satisfação que me associo, pessoalmente e enquanto Presidente da Assembleia da República, às Comemorações do 40.º Aniversário da Universidade do Algarve.

Faço-o começando por recordar a Sessão Plenária de 4 de maio de 1978, em que as Deputadas e os Deputados à Assembleia da República, num ato que posso caracterizar de alguma rebeldia (diria que até comum naquela que foi a I Legislatura), apreciaram o Projeto de Lei n.º 45/I/1.ª, Ensino Superior no Algarve, com o qual – com forte oposição do Governo, que primou pela sua ausência no debate parlamentar – se pretendeu instituir a Universidade do Algarve.

Da entrada do Projeto de Lei (em 19 de abril de 1977) à votação final global do mesmo (em 16 de janeiro de 1979) dois anos se volveram, mas foi possível que, em 28 de março, fosse publicada a Lei n.º 11/79, que criou a Universidade do Algarve. Uma instituição diferente de todas as outras na sua génese, porquanto resulta de um impulso e de uma decisão (unânime) do Parlamento, sendo a única Universidade criada por Lei.

Celebramos hoje esse ato de rebeldia, mas celebramos, sobretudo, o que o mesmo teve de consequência: uma Instituição de Ensino Superior de sucesso, que granjea prestígio nacional e internacional em áreas tão diversas como a investigação marinha e ambiental, o combate às alterações climáticas, o turismo sustentável, o património ou a medicina. Até mesmo a alimentação: para a história ficará o enorme contributo que a Universidade do Algarve deu para que a Dieta Mediterrânica fosse inscrita na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO.

Celebramos também o que, em 40 anos, deu à região de cujo nome é portadora. Se motor existiu para o desenvolvimento a que se assistiu no Algarve, não tenhamos dúvidas de que esse foi a Universidade.

Desenvolvimento humano, científico, técnico, tecnológico, infraestrutural, resultado de uma atividade que se espalha um pouco por toda a região, em diversos pólos, centros de investigação e centros de estudos e desenvolvimento, e, através de uma rede de parcerias, em diversos domínios do conhecimento, muito além da própria região – parcerias que permitem projetar a Universidade um pouco por todo o mundo, dando a conhecer um outro Algarve, que a si tanto deve.

Detenho-me no lema escolhido pela Universidade: *Quo studio sit bene vivere*, Estudar Onde É Bom Viver. Estou em crer que este visa espelhar o inegável contributo da Universidade para a formação e para a fixação das novas gerações de algarvios, e refletir a atração que desde sempre tem gerado em milhares de estudantes estrangeiros (são hoje cerca de 1.300 os alunos provenientes de mais de 70 nacionalidades).

Quarenta anos depois, é justa uma palavra de reconhecimento, e de homenagem, aos antigos Reitores, Professores Doutores Manuel Gomes Guerreiro, Carlos Alberto Lloyd Braga, Jacinto José Montalvão dos Santos e Silva Marques, Eugénio Maria de Melo Alte da Veiga, Adriano Lopes Gomes Pimpão, João Guerreiro e António Branco, alguns deles já desaparecidos.

Termino, agradecendo ao Magnífico Reitor, Professor Doutor Paulo Águas, o desafio lançado à Assembleia da República para se associar (ativamente) às Comemorações dos 40 Anos da Universidade do Algarve, e ao Vice-Reitor para a Educação e Cultura, Professor Doutor Saúl Neves de Jesus, que coordena a Comissão Executiva para a Organização das Comemorações.

É uma enorme honra celebrar, no Algarve, mas também na Casa da Democracia, os 40 Anos da Universidade.

Eduardo Ferro Rodrigues

Presidente da Assembleia da República

Palácio de São Bento, abril de 2019

Manuel Heitor

Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

DESAFIOS E OPORTUNIDADES
DO CONHECIMENTO:

**UM CONTRIBUTO PARA PENSAR A UNIVERSIDADE
DO ALGARVE NOS SEUS 40 ANOS**



Pensar a Universidade do Algarve, associando os seus 40 anos com a comemoração do décimo aniversário do ensino da medicina nesta Universidade, obriga a abordar os principais desafios e oportunidades que, no atual contexto de Portugal na Europa, se colocam às instituições de ensino superior na próxima década. Será igualmente um momento para um reconhecimento de todos aqueles que souberem dignificar e valorizar o papel do conhecimento e da universidade no desenvolvimento do Algarve e de Portugal.

A Universidade do Algarve e a sua evolução nas últimas décadas representam bem os desafios associados à integração territorial de qualquer estratégia de ciência e inovação, designadamente em termos da diversificação e articulação dos ensinos politécnico e universitário, numa região em que o turismo representa a principal atividade económica. Ou evocando o desenvolvimento das ciências e tecnologias do Mar numa região tipicamente de características marítimas. Ou, ainda, valorizando a promoção do ensino da saúde e especialmente da medicina no Algarve, a cerca de 3 horas de Lisboa.

É oportuno fazer esse exercício, pois hoje vivemos um quadro novo para pensar a evolução da ciência e do ensino superior em Portugal no contexto europeu, sobretudo em termos da exigência crescente de melhor articular políticas e estratégias para a *coesão* e para a *competitividade*, para garantir um processo efetivo de *convergência* europeia até 2030. Este processo só terá sucesso com mais *conhecimento*, remetendo para a opção pública e, certamente, para o pensamento político respetivo, a garantia de considerar o conhecimento como um "bem público", reforçando o seu papel de criação de mais e melhores empregos.

Mas pensar esta problemática, equacionando em simultâneo estes quatro vetores (ou C's: *coesão*, *competitividade*, *convergência* e *conhecimento*), exige perceber o quadro temporal e espacial onde nos encontramos. Está agora concluída a reprogramação para a conclusão da aplicação em Portugal dos fundos estruturais europeus para 2020, e faltam dois anos para se concluir o atual quadro europeu de investigação e inovação (i.e., o Programa "Horizonte 2020"). É o momento para *pensar a ciência e o ensino superior* quando se perspetiva a fixação das grandes opções financeiras para a Europa, incluindo o arranque do novo quadro europeu de investigação e inovação (i.e., o Programa "Horizonte Europa"), o futuro do Programa ERASMUS e a preparação dos fundos estruturais para Portugal. Este quadro para o período pós-2020, leva-nos certamente a perceber as novas realidades para a ciência e o ensino superior e, portanto, também para a Universidade do Algarve.

Hoje sabemos que 2016 ficou marcado pela retoma do processo de convergência efetiva para a "Europa do conhecimento" e por um aumento efetivo da despesa total em I&D, pública e privada, a qual viria continuar a crescer para 1,33% do PIB em 2017, evidenciando-se sobretudo o aumento do investimento privado em I&D. Esta inversão foi conseguida em associação com a opção política de recuperar a confiança no sistema de ciência e tecnologia, juntamente com um esforço público de emprego de recursos humanos qualificados e de valorização de carreiras científicas e académicas.

O combate à precariedade no trabalho foi assumido como prioridade da ação política em 2016, sendo reconhecida a complexidade sociocultural que lhe está associada em Portugal, juntamente com baixos níveis de investimento e contextos institucionais relativamente adversos à mudança. O novo regime de emprego científico foi orientado para tornar os contratos de trabalho como o vínculo normal para o trabalho científico pós-doutoral, visando abranger todos os investigadores

doutorados que já não se encontrem em período de formação. A sua implementação tem estado associada, também na Universidade do Algarve, à evolução para um novo estágio de maturação das nossas comunidades científicas e académicas, reforçando as condições de emprego para atividades de I&D, em associação com o desacoplamento entre: i) a formação doutoral; ii) o recrutamento pós-doutoral em condições de contrato de trabalho, e iii) o acesso a carreiras científicas e académicas, que urge reforçar nas nossas instituições.

Sabemos também que o número de estudantes inscritos pela 1.ª vez em instituições de ensino superior, públicas e privadas, cresceu de cerca de 87 mil (em 2014/15) para mais de 103 mil (em 2018/19), incluindo mais de 9 mil estudantes em formações curtas de âmbito superior (i.e., TESP's). Em paralelo com a implementação do programa "Estudar e investigar em Portugal" (i.e., "Study and Research in Portugal"), o número de estudantes estrangeiros aumentou cerca de 48% desde 2014-2015, representando hoje cerca de cinquenta mil inscritos e 13% do total de estudantes inscritos.

Mas onde é que queremos estar? Sabemos que não é suficiente esta evolução, pois não basta ter quase atingido a média europeia na participação do ensino superior e ter apenas 4 em cada 10 jovens de 20 anos a estudar no ensino superior. A ambição de aumentar essa penetração do ensino superior em 50%, atingindo uma taxa média de frequência no ensino superior de 6 em cada 10 jovens com 20 anos deve ser a nossa ambição para 2030. Deve ainda considerar a ambição de alargar as qualificações de toda a população, com 40% dos graduados de educação terciária na faixa etária dos 30-34 anos até 2020 (enquanto apenas 35% em 2016) e 50% em 2030.

Adicionalmente, temos que continuar o trajeto recente do aumento da despesa em I&D, alcançando um investimento global em I&D de 3% do PIB até 2030, com uma parcela relativa de 1/3 de despesa pública e 2/3 de despesa privada. Implica o esforço coletivo de aumentar 3,5 vezes o investimento privado em I&D, juntamente com a criação de cerca de 25 mil novos empregos qualificados no setor privado, assim como duplicar o investimento público em I&D até 2030.

Neste quadro, penso ser importante refletir sobre a experiência acumulada na Universidade do Algarve e considerar hoje os quatro principais desafios para pensar a Universidade do Algarve, assim como a ciência e o ensino superior em Portugal, para a próxima década.

Primeiro, **alargar a base social** para a produção e difusão do conhecimento, o que passa por alargar a cultura científica da população, juntamente com a penetração do ensino superior numa situação de forte pressão demográfica. Se hoje temos 120 mil jovens com 18 anos a residir em Portugal e apenas formamos a nível superior cerca de metade, temos de conseguir evoluir na próxima década para alargar a penetração do ensino superior, beneficiando da responsabilidade coletiva, de atores públicos e privados. A modernização e valorização social do ensino politécnico, promovida desde 2016, assim como o *Programa Nacional para o Alojamento de Estudantes do Ensino Superior*, lançado em 2018 e reforçado em 2019, vêm contribuir claramente para este objetivo. No caso específico da Universidade do Algarve, exige certamente repensar o quadro de modernização e valorização do ensino politécnico na região, designadamente em termos da sua inserção com a atividade económica local (i.e., hospitalidade, serviços, saúde e bem-estar, agroindustrial e mar).

O desafio de alargar a base social da ciência e do ensino superior passa indiscutivelmente por um segundo desafio ao nível da **modernização do processo de ensino/aprendizagem** face a um processo crescente e

acelerado de transformação digital da nossa sociedade e de conceção de novas práticas pedagógicas. Por outras palavras, este processo exige maior **especialização** e sobretudo maior **diversificação institucional**, sendo particularmente crítico ao nível das ofertas de formação inicial, graduação e pós-graduação, assim como ao nível das práticas e dos ambientes dentro da "sala de aula".

Este facto só pode representar uma oportunidade única para a Universidade do Algarve, exigindo uma vez mais a responsabilidade coletiva, associando as instituições de ensino superior e os empregadores, para modernizar e alargar a atual oferta. Uma atenção especial deve ser dedicada à sua relativa diversificação (incluindo processos de "re-skilling") e, sobretudo, à sua especialização (i.e., "up-skilling"), atraindo novos públicos, designadamente adultos, e garantindo mais formação ao "longo da vida".



A ubiquidade da internet móvel, a capacidade de processar dados e a relativa massificação de formas de "inteligência artificial" e/ou de comunicar resultados do processamento de grandes quantidades de informação (i.e., "big data analytics"), exigem a modernização dos processos de ensino/aprendizagem num quadro de diversificação e especialização institucional. Estes objetivos beneficiam da massificação na utilização de novas tecnologias e devem ser concretizados nas instituições científicas e de ensino superior. Exige, certamente, a responsabilidade de estimular a criação de novos empregos, partilhando essa responsabilidade com a transformação do ensino superior.

Mas deve ainda ficar claro que diversificar e especializar o processo de ensino/aprendizagem passa necessariamente por **diversificar as formas de "fazer" ciência**. Inclui o incentivo, em curso, ao estímulo de atividades de investigação e desenvolvimento (I&D) baseadas na experiência (i.e., "**experience or practice based research**"), claramente orientadas para a inovação no setor produtivo, social ou artístico e para o desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional. Inclui, por exemplo

e no caso do Algarve, o reforço da prática de I&D no ensino politécnico em estreita colaboração com os sectores da hospitalidade, serviços, agroindústria, mar e de cuidados de saúde.

Inclui ainda, necessariamente, a promoção da investigação clínica, em hospitais e com a presença ativa de médicos e profissionais de assistência clínica, orientada para a otimização de cuidados de saúde e de terapias médicas, como claramente especificado no contexto da definição de grandes missões de I&D ao nível Europeu e para o caso específico de doenças oncológicas, entre outras.

O terceiro desafio surge no contexto das próprias instituições e da absoluta necessidade de estimular a triangulação que emerge entre "**conhecimento, educação e emprego**". Por exemplo, a promoção do Centro Académico Clínico do Algarve, criado em 2018 no âmbito de um novo regime jurídico dos centros académicos clínicos, tem por objetivo, na área da saúde, estimular a ligação crítica entre ensino e a investigação clínica, reforçando a sua ligação às carreiras médicas e ao apoio na saúde. Adicionalmente, o estímulo à criação de "laboratórios colaborativos" (vinte iniciativas criadas em 2018, incluindo o "Green Colab" do Algarve) vêm reforçar elementos críticos de relacionamento institucional entre empregadores, investigadores e educadores. Exige, contudo, um contexto institucional claro para o desenvolvimento de carreiras académicas e científicas, juntamente com o rejuvenescimento das carreiras docente e de investigação e a diversificação e o desenvolvimento dessas mesmas carreiras.

Por fim, o quarto desafio será sempre o do contexto europeu e da **internacionalização**. O facto de estarmos a dois anos de se concluir o atual quadro europeu de investigação e inovação (i.e., o Programa "Horizonte 2020") e na perspetiva da fixação das grandes opções financeiras para a Europa para 2021-2027, incluindo o arranque do novo quadro europeu de investigação e inovação (i.e., o Programa "Horizonte Europa"), deve servir de estímulo para promover e aprofundar novas redes europeias de ensino superior em estreita articulação com atividades de investigação e inovação. Certamente aproveitando o nosso posicionamento no mundo, da nossa janela atlântica à relação única que temos ou que podemos vir a ter no desenvolvimento da relação da Europa com África e com a América Latina. Mas, internacionalizar não é apenas fomentar a atracão e mobilidade de recursos humanos, devendo cada vez mais incluir o desenvolvimento institucional conjunto, incluindo o recrutamento conjunto de docentes e investigadores e o desenvolvimento de programas de I&D a nível internacional.

A análise da experiência da Universidade do Algarve, entre outras instituições de ensino superior, mostra claramente que a coevolução da formação de capital humano e da capacidade de investigação e de inovação nas suas diversas formas (académica, translacional e aplicada / clínica) é fundamental para promover a capacidade de absorção que Portugal precisa de aprofundar para continuar a melhorar a qualidade de vida de toda a sociedade de forma eficaz, convergindo para a "Europa do conhecimento".

Neste contexto, o desenvolvimento científico e do ensino superior é um instrumento político fundamental para construir novos horizontes para a Europa, num contexto em que a coesão e a competitividade devem estar articulados através do conhecimento. Este é um esforço coletivo que urge promover em torno de novas relações de confiança entre os cidadãos, em geral, e o conhecimento.

Manuel Heitor

Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior



OPINIÃO

Helena Pereira

Presidente da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Foi no início de 1988 que cheguei ao Instituto Politécnico de Faro e à Universidade do Algarve. Guardo a memória de tempos desafiantes, da excitação de participar na construção de cursos e sistemas de gestão de ensino superior, e na dinamização da investigação científica. Com o reitor professor Lloyd Braga aprendi algumas lições que apliquei depois na minha vida académica e de gestão: uma delas é que podemos confiar nos jovens e acreditar na sua capacidade de resposta ...como ele fez comigo!

O processo de união da Universidade do Algarve com o Instituto Politécnico de Faro foi também a oportunidade para conhecer bem os dois sistemas de ensino superior e para participar num processo de integração que ainda hoje é único no sistema de ensino superior nacional. Como pró-reitora, participei ativamente na aproximação entre escolas politécnicas e unidades universitárias, na colaboração entre os seus docentes e na partilha de atividades científicas.

Quando vim para Faro, comecei por presidir à Escola Superior de Tecnologia e Gestão (depois só Escola Superior de Tecnologia) onde, entre outros desafios, me coube garantir o pleno funcionamento do curso de Engenharia Alimentar e do seu pavilhão tecnológico, fortemente equipado e muito avançado em relação ao que existia em outras instituições do ensino superior. A ligação ao tecido empresarial era também um objetivo e o programa de estágios para os estudantes foi um mecanismo que para tal contribuiu.

A seguir, presidi à Unidade de Ciências e Tecnologia dos Recursos Aquáticos, com a colaboração da Maria Teresa Diniz e do Adelino Canário. Com uma licenciatura com grande procura pelos estudantes – Biologia Marinha-, fortaleceu-se o corpo docente com a contratação de jovens doutores, apoiou-se a realização de doutoramentos e aumentou-se a oferta formativa com mestrados. Foi um



período intenso – e eu própria aprendi muita coisa sobre os recursos marinhos! Quando deixei a Unidade, estava a começar a preparação de um centro de investigação para se candidatar à Fundação para a Ciência e a Tecnologia, o CCMAR, que tem hoje um sucesso científico amplamente reconhecido. Também fui professora, de química orgânica e bioquímica, e orientei muitas teses de licenciatura. De vez em quando, na rua ou em reuniões, dizem-me “professora fui seu aluno ou sua aluna na Universidade do Algarve”. É uma alegria! Como é sempre bom encontrar os colegas que comigo trabalharam e partilharam esse período tão estimulante.

E termino com uma nota pessoal. Foi durante a minha estadia na Universidade do Algarve que nasceu o meu filho João e me acompanhou nestas aventuras académicas. Assistiu a algumas reuniões, quando acabavam tarde..., e com ele percorri muitos quilómetros, em múltiplas viagens entre Faro e Lisboa, mais do que uma volta à Terra!



1979 CRIAÇÃO

1977

- > Apresentação do Projeto de Lei 45/1 Ensino superior no Algarve, na Assembleia da República, em 1977-04-19. Autoria : José Gago Vitorino, Cristóvão Norte, Barbosa de Melo, Sousa Franco, Pedro Roseta e José Sérvulo Correia
- > Baixa comissão distribuição inicial generalidade Comissão de Educação, Ciência e Cultura, em 1977-04-19
- > Discussão e votação na generalidade: **Aprovado por unanimidade**, em 1978-05-04

1979

- > Votação final global: **Aprovado por unanimidade**, em 1979-01-16
- > Publicação do Decreto
Título: Criação da Universidade do Algarve, em 1979-01-24
- > Publicação em Diário da República: Lei 11/1979
Título: Criação da Universidade do Algarve, em 1979-03-28
- > Nomeação da Comissão Instaladora pelo Despacho n.º 77-79, de 26 de junho

Quarta-feira 28 de Março de 1979



DIÁRIO DA REPÚBLICA

PREÇO

Toda a correspondência, quer oficial, quer relativa a anúncios e a assinaturas do «Diário da República» e do «Diário da Assembleia da República», deve ser dirigida à Administração da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Rua de D. Francisco Manuel de Melo, 5, Lisboa-1.

ASSINATURAS

As três séries	Ano	2400\$	Semestre ...	1440\$
A 1.ª série	»	1020\$	» ...	615\$
A 2.ª série	»	1020\$	» ...	615\$
A 3.ª série	»	1020\$	» ...	615\$
Duas séries diferentes	»	1920\$	» ...	1160\$

Apêndices — anual, 850\$

A estes preços acrescem os portes do correio

SUMÁRIO

Conselho da Revolução:

Resolução n.º 85/79:

Autoriza o Presidente da República a ausentar-se ao estrangeiro em viagem de carácter oficial.

Assembleia da República:

Lei n.º 11/79:

Criação da Universidade do Algarve.

Presidência do Conselho de Ministros:

Resolução n.º 86/79:

Cria a Comissão de Racionalização de Efectivos da Administração Pública.

Declaração:

De ter sido rectificado o *Diário da República*, 1.ª série, n.º 51, de 2 de Março de 1979.

Presidência do Conselho de Ministros e Ministérios das Finanças e do Plano e da Educação e Investigação Científica:

Portaria n.º 136/79:

Cria no Ministério da Educação e Investigação Científica um quadro de supranumerários.

Presidência do Conselho de Ministros e Ministério da Educação e Investigação Científica:

Decreto Regulamentar n.º 7/79:

Altera as habilitações para a concessão do diploma de professor do ensino primário particular.

CONSELHO DA REVOLUÇÃO

Resolução n.º 85/79

O Conselho da Revolução resolveu, nos termos dos artigos 132.º, n.º 1, e 145.º, alínea d), da Constituição, autorizar o Presidente da República a ausentar-se do território nacional em viagem de carácter oficial.

A resolução foi aprovada em Conselho da Revolução em 14 de Março de 1979.

O Presidente do Conselho da Revolução, *António Eanes*, general.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

A Assembleia da República aprovou, na reunião de 26 de Março de 1979, a alínea d) do artigo 11.º da Constituição, o seguinte:

1 — É criada a Universidade do Algarve, em Faro.

2 — A Universidade do Algarve terá, noutras localidades,

1 — Será constituída uma comissão de composição e de funcionamento a ser determinada pelo Conselho da República, cuja tarefa principal será a de estudar a composição e a coordenação da rede de ensino superior no plano geral de ensino superior e as realidades sócio-económicas e culturais da maioria dos seus municípios, com especial perspectiva problemática.

2 — A comissão terá a duração de noventa dias a contar da data da sua criação.

3 — A comissão terá as atribuições por um período de noventa dias mais dois.

1 — Compete à Assembleia Distrital de Faro, no âmbito da Educação e Investimentos, a tarefa de estudar a estruturação, de acordo com as necessidades, bem como da localidade, a ser criada, no prazo de um ano.

2 — O plano de desenvolvimento de características, potenciais e do País, nos aspectos da educação superior.

3 — Na proposta de criação de cursos, a comissão instaladora indicará o plano de estudos dos cursos.

O Governo tomará as medidas convenientes para a execução do presente plano.

PÚBLICA

DESTE NÚMERO — 2\$40

O preço dos anúncios é de 26\$ a linha, dependendo a sua publicação do pagamento antecipado a efectuar na Imprensa Nacional-Casa da Moeda, quando se trate de entidade particular.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Lei n.º 11/79

de 28 de Março

A República decreta, nos termos do artigo 164.º e do n.º 2 do artigo 169.º seguinte:

ARTIGO 1.º

Universidade do Algarve, com sede em Faro, pode abrir estabelecimentos em Évora e Beja.

ARTIGO 2.º

É criada uma comissão instaladora, cuja função é estudar e apresentar em conta a necessidade de instalação da Universidade do Algarve e a possibilidade de abrir estabelecimentos de ensino universitário e necessidades de desenvolvimento económico e cultural da região, devendo a comissão instaladora ter membros ser conhecedora da realidade da região.

A comissão instaladora tomará posse no prazo de dois meses após a publicação da presente lei. Durante o seu mandato a comissão instaladora exercerá as suas funções de quatro anos, prorrogável por igual período.

ARTIGO 3.º

A comissão instaladora, ouvida a Assembleia do Algarve, apresentará ao Ministério da Investigação Científica uma proposta de instalação e de plano de cursos, bem como a organização dos estabelecimentos a criar, no prazo de seis meses após a sua nomeação.

O plano de cursos deve ter em conta as características económicas e necessidades da região, bem como os aspectos económicos, social e cultural. A comissão instaladora referida no n.º 1 a comissão instaladora exercerá as suas funções de quatro anos lectivo de início dos primeiros cursos.

ARTIGO 4.º

A comissão instaladora tomará as providências que entender necessárias para a execução da presente lei, em es-

pecial facultando todas as informações e meios à comissão instaladora, com carácter de urgência.

Aprovada em 16 de Janeiro de 1979.

O Presidente da Assembleia da República, *Teófilo Carvalho dos Santos*.

Promulgado em 5 de Fevereiro de 1979.

Publique-se.

O Presidente da República, **ANTÓNIO RAMALHO EANES**. — O Primeiro-Ministro, *Carlos Alberto da Mota Pinto*.

A simplificação das estruturas tendo em vista a criação de mecanismos parciais ou totais de racionalização da administração pública.

2 — A Comissão será composta por três vogais, que exercerão as suas funções em regime de tempo completo.

2.1 — As funções a que se referem serão exercidas em regime de tempo completo, a promover pelo Secretário de Estado da Administração Pública.

2.2 — A Comissão será coadjuvada por um Conselho consultivo em que deverão participar representantes dos departamentos ministeriais e dos organismos constituídos no prazo de seis meses após a publicação da presente lei.

2.3 — São abrangidos pela acção da Comissão os organismos e serviços da Administração Pública, os institutos públicos e os organismos sociais.

2.4 — Os membros do Conselho consultivo serão nomeados pelo Governo e terão as providências necessárias para a execução dos serviços na sua dependência, bem como o apoio necessário à consecução das suas funções.

2.5 — A Comissão poderá recorrer directamente aos serviços dos departamentos ministeriais e dos organismos constituídos no prazo de seis meses após a publicação da presente lei.

A alusão mais remota à criação de uma universidade no Algarve surgiu ainda no século XVII, em pleno domínio filipino. Existem referências a um ilustre engenheiro italiano, Alexandro Massay, a propor, em Portugal, a fundação de um estabelecimento de ensino universitário no Algarve para os que não pudessem ir frequentar Coimbra ou Évora.

A Universidade do Algarve (UAlg) nasceu da "vontade dos algarvios" e é a única universidade portuguesa criada por Lei da Assembleia da República. Teve a antecedência um longo período de debate público, considerado por muitos uma atitude irreverente para a época.

O Projeto de Lei deu entrada em 19 de abril de 1977 e mereceu aprovação unânime do Parlamento na sessão de 16 de janeiro de 1979, permitindo, assim, que, em 28 de março, fosse publicada a Lei n.º 11/79, que criou a Universidade do Algarve. Essa unanimidade, que assinalou de forma inédita a criação da Academia algarvia, raramente havia acontecido na Casa da Democracia. Os argumentos apresentados foram vários, mas entre eles realçava-se a especificidade de ordem ecológica e humana da região, a distância desta aos centros de decisão e aos centros de ensino universitário existentes e, por último, a imperiosa necessidade de preparar a juventude para os novos condicionamentos do futuro.

Pelo Despacho n.º 77/79, de 26 de junho, o secretário de estado do Ensino Superior e Investigação Científica, Arantes de Oliveira, sendo ministro Valente de Oliveira, nomeou para a Comissão Instaladora os seguintes elementos: Manuel Gomes Guerreiro - catedrático da Universidade Nova de Lisboa, que presidia; João Baptista Nunes Pereira Neto - catedrático da Universidade Técnica de Lisboa; e António Manuel T. G. de Sousa Otto - técnico principal da Secretaria de Estado do Ambiente. Mais tarde, por proposta do presidente da Comissão, foi esta acrescida de Jacinto Montalvão de Santos e Silva Marques, gestor da Empresa Pública de Abastecimento de Cereais (EPAC).



OPINIÃO

José Vitorino

Antigo deputado da Assembleia da República

Ensino superior universitário no algarve: A conquista que, por si, valeu toda a minha vida pública

Nos cargos oficiais que desempenhei (1976/85) e de Presidente da Câmara, tive o privilégio de servir Portugal e, em particular e sempre, o meu/nosso Algarve.

E foi precisamente em 1976, como Deputado do PSD eleito pelo Algarve, que no Parlamento iniciei e venci grandes batalhas. Permanentemente tive "o olho", "a voz" e o "bastão" para defender uma região esquecida e as suas gentes.

O Algarve tem um potencial fabuloso e um clima paradisíaco, mas até às décadas de 60



O bem mais valioso e o mais rentável de todos os investimentos são as pessoas e tudo o que delas decorre, sendo a felicidade do ser humano o objetivo final.

É uma afirmação que se aplica a mim, quer pela formação que tirei, quer porque fui sempre um agente ativo na defesa do Ensino Superior, ao mesmo tempo que acompanho, debato e proponho soluções para a economia e sociedade algarvias.

Além da atividade profissional, a minha luta tem quase meio século, na Assembleia da República, Governo, Governo Civil, Câmara de Faro e Associações da sociedade civil.

e 70 faltava realizar o mais básico. Mas ainda agora há déficite de infraestruturas vitais.

Sem me considerar iluminado, senti a falta de sinergias e os desfavores do poder central. Pelos cursos que tirei e pelo que estudei, concluí que a "encenação do sistema" estava montada para um Algarve sem meios se perpetuar na "cepa torta". Em parte, ainda hoje.

E meti na cabeça que a "arma" indispensável para o combate era o Ensino Superior Universitário! Fiz disso uma razão de vida e uma obsessão, que foi ultrapassando obstáculos!

Sobre a matéria e sua conquista, é certo que tenho um acervo documental completo e rigoroso, mas por agora neste testemunho apenas dou conta de algumas notas.

A conquista da liberdade no 25 de Abril de 1974 foi precedida de uma revolução; a conquista da Universidade com a promulgação da Lei de fevereiro de 1979 foi precedida de luta política em democracia. Quer num caso, quer noutro, as resistências foram imensas.

No caso do Ensino Universitário foi um calvário que precedeu a "alvorada" da promulgação da Lei.

Tive a honra de estar na primeira linha de combate: na Assembleia da República, partilhando com o meu colega Deputado Dr. Cristovão Norte (que homenageio); em Governador Civil; e em Secretário de Estado. Tomando medidas, influenciando o poder, e pressionando. Também na comunicação social e junto das populações foi "guerra sem quartel".

Os contrários foram argumentando que não havia alunos, professores, dinheiro, etc., e que não se criavam Universidades como escolas, etc. Era conversa de quem não queria aprovar.

Fui o autor e fundador/1º subscritor do Projeto de Lei que criou a Universidade (acompanhado por Cristovão Norte, Pedro Roseta, Barbosa de Melo, Sousa Franco e Sérvulo Correia) e de múltiplos Requerimentos e intervenções, bem como de propostas no debate na especialidade.

Alguns partidos criaram grandes dificuldades, estando o Projeto em risco de "morrer", tendo sido rejeitado na Comissão de Educação. Mas pela pressão, os contras mudaram e rumaram no voto a favor, com o que me congratulei na Assembleia da República durante o debate. Também no Politécnico e Centros de Apoio ao Ensino Universitário muitos obstáculos tivemos de ultrapassar.

É por isso que digo que esta luta e vitória, por si só, valeram a pena na minha passagem pela vida pública. Estou orgulhoso pelo Ensino Universitário que temos e pelos frutos dados pelas sementes que lancei, não se imaginando o Algarve sem este centro de saberes e a "massa cinzenta".

Neste testemunho, presto homenagem ao Prof. M.G.Guerreiro, (que apoiei na instalação da UAAlg), Reitores, professores, funcionários, Direções da AAUALG e Magnífico Reitor Prof. Doutor Paulo Águas, pela obra realizada e capacidade para enfrentar os desafios do futuro, face aos muitos obstáculos para superar.

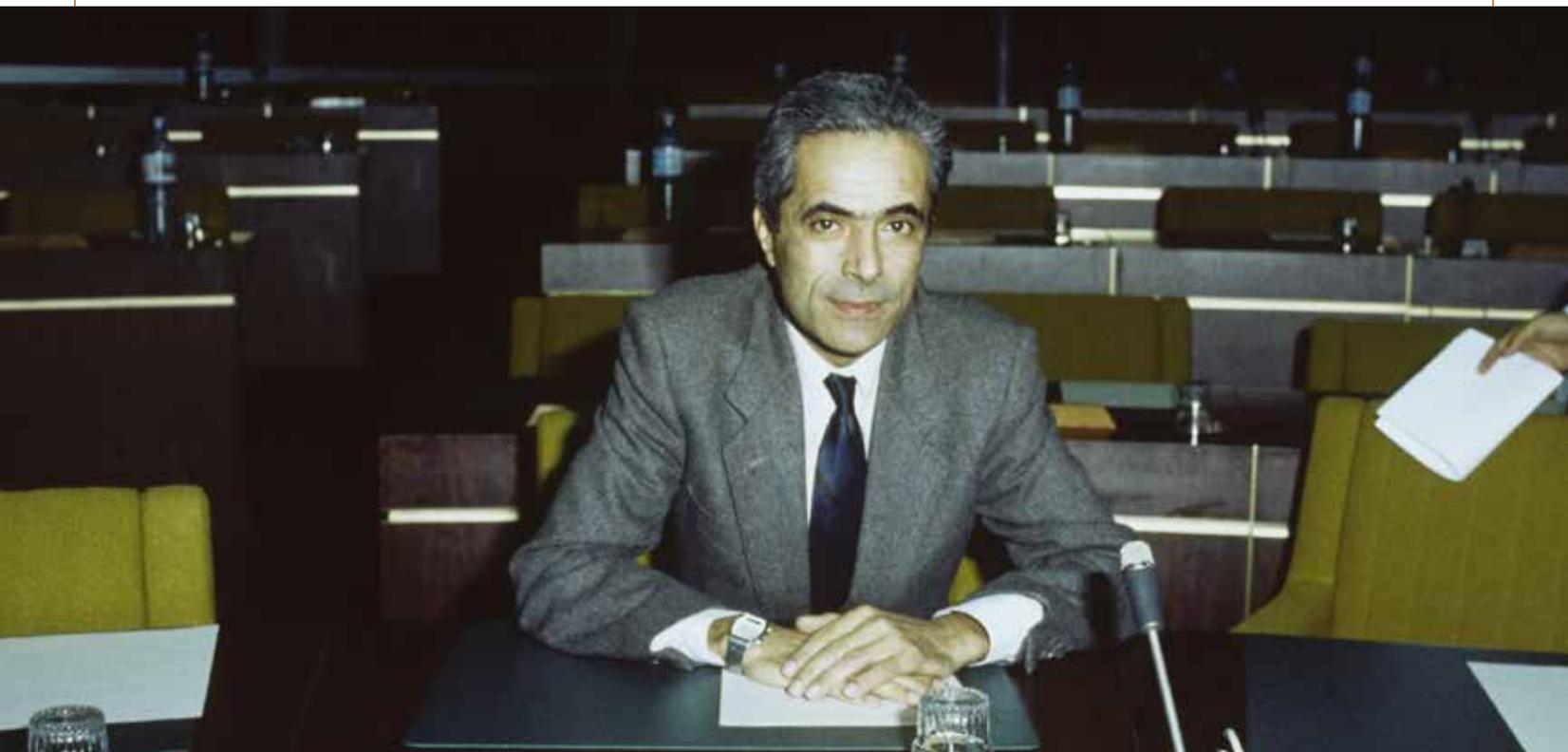
Pelo Algarve e pela universidade, sempre tudo!



OPINIÃO

Luis Filipe Madeira

Deputado Constituinte e antigo deputado da Assembleia da República



As questões sobre a criação da Universidade do Algarve foram respondidas de forma autêntica e definitivamente num debate organizado pelo então Reitor da UAIG, Prof. Adriano Pimpão, no Clube Farense em Faro, em que participaram os Deputados pelo Algarve na Assembleia da República (PS, PSD, PCP e CDS) com intervenção no processo de discussão e votação da Lei que criou a UAIG.

O debate, o Algarve reivindicando a Universidade, é anterior à minha intervenção. Particpei nele a partir de 1969, em reuniões, designadamente no Centro Cultural do Algarve, em Faro. No seguimento de personalidades como os Drs. Magalhães e Rocha Gomes (Liceu de Faro), Eng. Belchior, Dr. Campos Lima, Dr. Campos Coroa, Eng. Laginha Serafim e outros de igual relevo. Na campanha eleitoral para a então Assembleia Nacional (AN) desse ano, os candidatos a Deputados pela Oposição Democrática voltaram a

colocar em debate a mesma reivindicação. A questão foi retomada após o 25 de Abril, com empenhamento político pelos deputados (desde logo quando candidatos) do PS. Foi mesmo promessa eleitoral do referido partido em 1976.

Concordo com a afirmação de que “a Universidade do Algarve nasceu da vontade dos algarvios”. Porque os Algarvios que votaram maioritariamente no PS nessas eleições (1976) apoiaram a dita promessa.

Como é que era visto o Ensino Superior em Portugal na altura? Um grupo (lobby) com apoio do Banco Mundial, em que se distinguiam figuras ilustres do pensamento e da política nacional (Amaro da Costa, deputado do CDS, Marçal Grilo, D.G.E. Superior e outros) defendiam a opção pelos Institutos Politécnicos, também por razões de ordem

financeira. Tal posição foi contraposta ao projeto universitário, mas acabou com o êxito deste último.

Hoje é óbvio que a criação da Universidade do Algarve é uma aposta que valeu a pena e não carece de demonstração. A nível nacional, parece-me que também as Universidades cuja criação foi posterior à da UAIG dificilmente teriam sido criadas (no tempo em que o foram) não fosse a criação, nas circunstâncias histórico-políticas em que foi a UAIG.

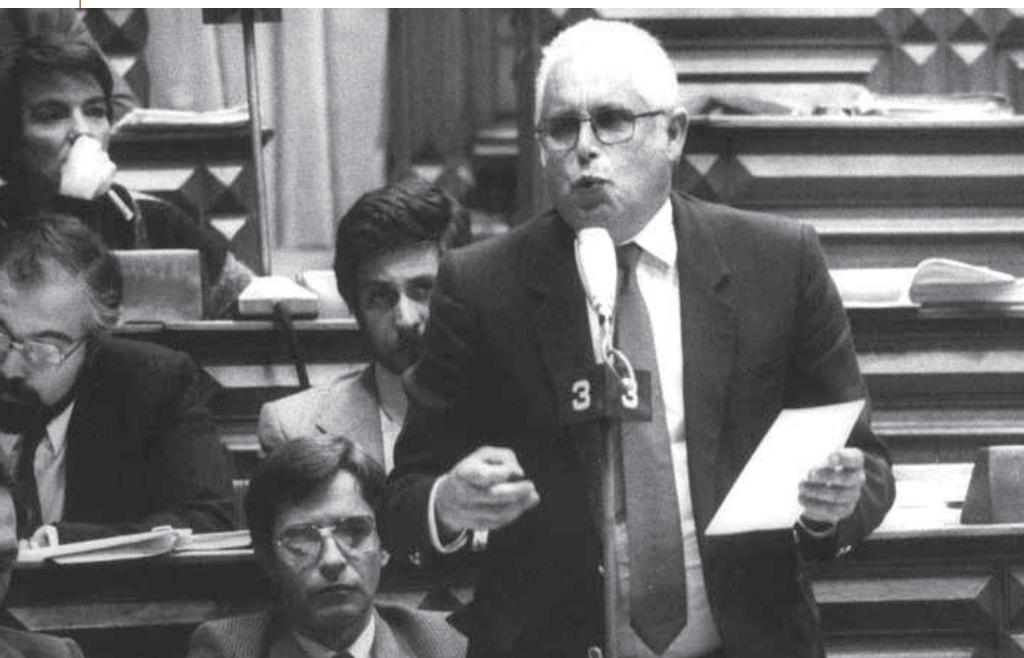
OPINIÃO

Carlos Brito

Deputado Constituinte e antigo deputado da Assembleia da República



Uma bela conquista da democracia – a Universidade do Algarve



A criação da Universidade do Algarve, por voto unânime da Assembleia da República, implicou um complexo processo legislativo acompanhado, antes e depois do ato criador, de intensa ação política, estreita cooperação entre os deputados e a Comissão Instaladora, intenso trabalho de esclarecimento junto da imprensa e da opinião pública.

Como deputado eleito pelo Algarve em várias legislaturas e Presidente do Grupo Parlamentar do PCP, que era ao tempo, regozijo-me por ter participado ativamente em todas estas áreas de intervenção.

O Grupo Parlamentar do PCP acolheu com muita simpatia um projeto de lei apresentado pelo deputado José Vitorino, do PSD. Era, no entanto, impossível votá-lo nos termos formais em que foi apresentado: um artigo único, com uma dezena de linhas, que quase se limitava a dizer – a Assembleia da República cria a Universidade do Algarve.

Mas não aproveitámos esta insuficiência formal para o desvalorizar. Pelo contrário, pusemo-nos a trabalhar num projeto alternativo. Em pouco tempo, pudemos apresentar na Comissão Parlamentar de Educação uma proposta alternativa com um desenvolvido articulado, que contemplava a decisão de criar a Universidade, a exigência da constituição de uma comissão instaladora e todos os demais passos fundamentais à plena execução do ato criador.

Os deputados do PS, mesmo os eleitos pelo Algarve, mostravam-se embaraçados, pois o

passou a trabalhar para uma aprovação por unanimidade.

Esta veio a concretizar-se a 16 de janeiro de 1979. Foi um parto verdadeiramente histórico: nasceu uma nova Universidade em Portugal, não no Governo como as outras, mas no Parlamento. Uma bela conquista da democracia.

A Universidade representava um sonho dos algarvios, desde os finais da Monarquia, acalentado pela opinião culta do Algarve, na Primeira República, esteve presente, como reclamação, no discurso da oposição democrático durante a Ditadura. Após o 25 de Abril, tornou-se reivindicação sustentada pelas grandes movimentações populares, pela imprensa regional e por diferentes forças partidárias, nomeadamente nas eleições para a Assembleia Constituinte e para a Assembleia da República.

A vontade coletiva dos algarvios foi fundamental para levar de vencida toda a espécie de incompreensões e obstruções – burocráticas, financeiras, organizativas, curriculares – inventadas pelo Ministério para dificultar a instalação da Universidade.

Estas pressões só abrandaram com a tomada de posse do Reitor, Prof. Manuel Gomes Guerreiro, que tinha sido o bravo Presidente da Comissão Instaladora e é justamente considerado o grande obreiro e principal fundador da Universidade do Algarve.

A "guerra" do Ministério devia-se à sua estreita visão sobre a expansão do Ensino Superior no País. Nos seus rígidos planos, abaixo de Lisboa só havia lugar para uma universidade – Évora.

O Algarve devia bastar-se com um Instituto Politécnico. O tempo demonstrou que não tinha razão.

No meu livro intitulado «25 ANOS QUE MUDARAM O ALGARVE», editado pela CCDR Algarve, em 2004, escrevi:

A Universidade do Algarve é considerada, num largo consenso, como a mais conseguida de todas as mudanças que se registaram no Algarve ao longo dos últimos 25 anos.

Passados mais 15 anos, tudo que sei leva-me a reforçar a afirmação.

Termino com os devidos parabéns e agradecimentos aos fundadores e aos que vieram depois – reitores, docentes, funcionários e alunos – que souberam manter a chama criadora na construção de uma instituição que difunde conhecimento, saber, pistas de desenvolvimento no Algarve e enriquece o Ensino Universitário no País.

Governo que era então da responsabilidade do seu partido tinha, por força do Ministério Educação, outra conceção sobre a expansão dos estudos universitários no país.

Com a saída do PS do Governo, substituído por Governos de iniciativa presidencial e o regresso do deputado Luís Filipe Madeira à Assembleia, a posição do PS alterou-se e a Comissão

CORREIO DO SUL

ABRIL REGIONALISTA

Director:

CORREIO DO SUL, N.º 3023, FARO, 1/2/1979, P. A. E. 2 (A)

Universidade no Algarve

O Mundo está ao telefone e a vida não pode ser quando desaparecer, de Piva, a ignorância.

ANTONIO ALEVO

RABA de ser aprovada na Assembleia da República, por unanimidade (a isso demons-

trava conseguir após a subida o seu representante. Alguns da outra referir que, há poucos dias, alguns deputados mais conscientes e mais votados indicaram ao Imprensa e a secção-

Por J. Laginha Serafim

substancialmente em muitas partes do mundo, inclusive no Brasil. Durante uma sessão solene em 1964, de distribuição de prémios aos alunos do concelho, mais classificados nos vários graus de ensino, realiza-

A Universidade do Algarve

A Assembleia da República foi unânime, ao apração da Universidade do Algarve. Com a sede em Faro, as localidades poderão ser contempladas por opção cultural que não é senão um acto de tardia. Parece ser esta a oportunidade para se definir. Parece não ser só uma extensão de praias e de mar que não pode ser apenas considerado como um divisas e paraíso de estrangeiros sedentos de se Consciente ou inconscientemente, o Algarve tem estado como uma mulher bonita a quem se recatamento, a vantagem de um palmo de cara e nada os tantos quilómetros de areia, alguns transparentes ansas, hotéis de cinco estrelas e alguns campos de o a epidemia de uma realidade mais profunda e carências, aspirações e valores por aproveitar. A atribuição de uma Universidade ao Algarve super primeiro passo, corrigir uma certa imagem de super

Uma universidade esperada há anos

Uma universidade esperada há anos... A Assembleia da República foi unânime, ao apração da Universidade do Algarve. Com a sede em Faro, as localidades poderão ser contempladas por opção cultural que não é senão um acto de tardia. Parece ser esta a oportunidade para se definir. Parece não ser só uma extensão de praias e de mar que não pode ser apenas considerado como um divisas e paraíso de estrangeiros sedentos de se Consciente ou inconscientemente, o Algarve tem estado como uma mulher bonita a quem se recatamento, a vantagem de um palmo de cara e nada os tantos quilómetros de areia, alguns transparentes ansas, hotéis de cinco estrelas e alguns campos de o a epidemia de uma realidade mais profunda e carências, aspirações e valores por aproveitar. A atribuição de uma Universidade ao Algarve super primeiro passo, corrigir uma certa imagem de super

JORNAL DAS REGIÕES



Universidade do Algarve

A Universidade do Algarve, após a sua criação na Assembleia da República, continua em foco. Com efeito, aguarda-se com expectativa o diploma competente para a entrada em funções da comissão instaladora e outras disposições, determinando os vários cursos a leccionar e os processos de trabalho para a efectiva entrada em funcionamento.

Universidade no Algarve

Os deputados do PSD pelo círculo do Algarve emitiram um comunicado, no qual se congratulam com a promulgação da lei que cria a universidade algarvia. Nesse comunicado, aqueles deputados afirmam esperar aqueles os que disseram festejar a criação da Universidade do Algarve não apareçam, no futuro, a tomar, alimantar ou proover atitudes que, embora eventualmente legítimas, possam hultar a concretização da es- universitária naquela região.

Universidade do Algarve tem diploma publicado

Universidade do Algarve tem diploma publicado... A Assembleia da República foi unânime, ao apração da Universidade do Algarve. Com a sede em Faro, as localidades poderão ser contempladas por opção cultural que não é senão um acto de tardia. Parece ser esta a oportunidade para se definir. Parece não ser só uma extensão de praias e de mar que não pode ser apenas considerado como um divisas e paraíso de estrangeiros sedentos de se Consciente ou inconscientemente, o Algarve tem estado como uma mulher bonita a quem se recatamento, a vantagem de um palmo de cara e nada os tantos quilómetros de areia, alguns transparentes ansas, hotéis de cinco estrelas e alguns campos de o a epidemia de uma realidade mais profunda e carências, aspirações e valores por aproveitar. A atribuição de uma Universidade ao Algarve super primeiro passo, corrigir uma certa imagem de super

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Curso superior de turismo é indispensável

A... Curso superior de turismo é indispensável... A Assembleia da República foi unânime, ao apração da Universidade do Algarve. Com a sede em Faro, as localidades poderão ser contempladas por opção cultural que não é senão um acto de tardia. Parece ser esta a oportunidade para se definir. Parece não ser só uma extensão de praias e de mar que não pode ser apenas considerado como um divisas e paraíso de estrangeiros sedentos de se Consciente ou inconscientemente, o Algarve tem estado como uma mulher bonita a quem se recatamento, a vantagem de um palmo de cara e nada os tantos quilómetros de areia, alguns transparentes ansas, hotéis de cinco estrelas e alguns campos de o a epidemia de uma realidade mais profunda e carências, aspirações e valores por aproveitar. A atribuição de uma Universidade ao Algarve super primeiro passo, corrigir uma certa imagem de super

O Algarve «bate-se» pela Universidade

O ensino universitário poderá, finalmente, arrancar no Algarve, segundo informação da ANOP que anuncia que tudo se conjuga para que, até final deste ano, sejam assinadas as escrituras relativas aos terrenos, na zona da Penha, em Faro, onde ficará instalado o Ensino Superior de Curta Duração. O ensino universitário poderá, finalmente, arrancar no Algarve, segundo informação da ANOP que anuncia que tudo se conjuga para que, até final deste ano, sejam assinadas as escrituras relativas aos terrenos, na zona da Penha, em Faro, onde ficará instalado o Ensino Superior de Curta Duração. O ensino universitário poderá, finalmente, arrancar no Algarve, segundo informação da ANOP que anuncia que tudo se conjuga para que, até final deste ano, sejam assinadas as escrituras relativas aos terrenos, na zona da Penha, em Faro, onde ficará instalado o Ensino Superior de Curta Duração.

UNIVERSIDADE NO ALGARVE

UNIVERSIDADE NO ALGARVE... A Assembleia da República foi unânime, ao apração da Universidade do Algarve. Com a sede em Faro, as localidades poderão ser contempladas por opção cultural que não é senão um acto de tardia. Parece ser esta a oportunidade para se definir. Parece não ser só uma extensão de praias e de mar que não pode ser apenas considerado como um divisas e paraíso de estrangeiros sedentos de se Consciente ou inconscientemente, o Algarve tem estado como uma mulher bonita a quem se recatamento, a vantagem de um palmo de cara e nada os tantos quilómetros de areia, alguns transparentes ansas, hotéis de cinco estrelas e alguns campos de o a epidemia de uma realidade mais profunda e carências, aspirações e valores por aproveitar. A atribuição de uma Universidade ao Algarve super primeiro passo, corrigir uma certa imagem de super

Universidade do Algarve

A sua fundação oficialmente proposta em princípios do século XVII numa comunicação de Alberto Iria... A Assembleia da República foi unânime, ao apração da Universidade do Algarve. Com a sede em Faro, as localidades poderão ser contempladas por opção cultural que não é senão um acto de tardia. Parece ser esta a oportunidade para se definir. Parece não ser só uma extensão de praias e de mar que não pode ser apenas considerado como um divisas e paraíso de estrangeiros sedentos de se Consciente ou inconscientemente, o Algarve tem estado como uma mulher bonita a quem se recatamento, a vantagem de um palmo de cara e nada os tantos quilómetros de areia, alguns transparentes ansas, hotéis de cinco estrelas e alguns campos de o a epidemia de uma realidade mais profunda e carências, aspirações e valores por aproveitar. A atribuição de uma Universidade ao Algarve super primeiro passo, corrigir uma certa imagem de super

João Pereira Neto

COMISSÃO INSTALADORA



João Pereira Neto é professor catedrático jubilado da Universidade de Lisboa. Poderia ter sido o primeiro Reitor da Universidade do Algarve, mas declinou o convite "face ao condicionalismo político existente naquela época – particularmente ao poder ainda detido pelos oficiais revolucionários que o tinham saneado". Nessas circunstâncias, "passou a ser o número dois da Universidade do Algarve, ao lado de Manuel Gomes Guerreiro, professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa, que conheceu no exercício de funções na Comissão Instaladora da Universidade de Évora e de secretário de Estado do Ambiente". Estava, assim, iniciada a Comissão Instaladora da UAlg, juntando-se ainda a estes dois professores António Manuel de Sousa Otto, técnico principal da secretaria de Estado do Ambiente. Mais tarde, por proposta do presidente, Manuel Gomes Guerreiro, foi ainda integrado nesta Comissão Jacinto Montalvão de Santos e Silva Marques, professor e gestor da Empresa Pública de Abastecimento de Cereais (EPAC).

O diploma de criação da UAlg fornecia algumas informações sobre a estrutura prevista assim como as etapas a ter em conta para a instalação da Academia algarvia. Este diploma previa a criação de uma Comissão Instaladora, com vista à integração e coordenação da UAlg no plano geral de ensino universitário, tendo em conta as realidades e necessidades de desenvolvimento socioeconómico e cultural da região.

Neste contexto, Pereira Neto foi autor de um estudo sociológico com vista à definição das características que a Universidade do Algarve deveria ter. Este estudo apresenta os resultados e a respetiva análise de um inquérito sociológico, cujo objetivo consistiu, como é referido na introdução, em proceder a "um demorado Estudo Exploratório de carácter qualitativo, no decurso do qual, e durante o mês de janeiro de 1981, foram ouvidas mais de duas centenas de individualidades em todos os concelhos algarvios", sendo que "o leque das suas características foi o mais amplo possível, indo desde os políticos eleitos para funções a nível dos órgãos de soberania ou das autarquias locais, até aos estudantes do ensino secundário, que normalmente foram ouvidos em grupo nos próprios estabelecimentos de ensino que frequentam".

Segundo Pereira Neto, "a UAlg deveria estar fundamentalmente orientada no sentido do desenvolvimento económico e social da região". Neste contexto, concretiza, "não deveria lecionar cursos idênticos aos das Universidades Clássicas, deveria prestar especial atenção a cursos suscetíveis, não só de assegurarem formação superior prestigiante, mas também de acelerarem o desenvolvimento económico e social da região". O período de pré-instalação da Universidade do Algarve só viria a terminar com o despacho ministerial de 25 de agosto de 1981, que aprova, na generalidade, o plano e os objetivos da proposta de instalação elaborados pela Comissão Instaladora.

Pereira Neto defende que "o Instituto Politécnico de Faro, embora ministrasse cursos com interesse para o desenvolvimento económico da região, não era a Instituição de Ensino Superior desejada pela população algarvia". A opinião pública algarvia privilegiou a criação de cursos que pudessem garantir o melhor aproveitamento possível dos recursos locais. "Esta desejava cursos que assegurassem não só o desenvolvimento económico, mas também proporcionassem a formação de Quadros Superiores com capacidade para promover e assegurar o mesmo desenvolvimento."

De futuro, projeta a Academia algarvia como "uma Instituição que continuará a proporcionar ensino e investigação, nas áreas em que já se especializou, a estudiosos nacionais e estrangeiros".

Ligado "sentimental e profissionalmente" a esta Instituição, 40 anos depois, com algumas agruras e muitos desafios, o professor Pereira Neto não tem qualquer dúvida em afirmar que "a criação da Universidade do Algarve foi uma aposta ganha, uma vez que não só proporcionou o melhor aproveitamento dos recursos locais, mas também assegurou, ao desenvolvimento global do País, meios humanos e indicadores económicos e sociais necessários para esse efeito".



OPINIÃO

Luís Valente de Oliveira

Antigo Ministro da Educação e Investigação Científica
do IV Governo Constitucional (1978/79)



Quando tive responsabilidades da tutela do sector da Ciência – 1978/79 e 1985/95 – atribuí muita importância à investigação realizada no seio das Universidades e, especialmente, à formação de novos investigadores. A prioridade então definida foi a sua formação, através da frequência de estágios ou de cursos em universidades estrangeiras e da dotação de meios dos laboratórios das nossas Universidades que se abalançassem a desenvolver projectos de investigação. Estes combinariam a formação de novos investigadores com o apoio ao tecido produtivo, através de um processo virtuoso em que as diferentes partes se estimulassem e arrastassem umas às outras.

Por isso, fui diversas vezes à Universidade do Algarve para ouvir as suas propostas e para analisar com os seus responsáveis o modo como se poderia robustecer, simultaneamente, a Universidade e a Região.

Não me posso referir a todas as reuniões que tive mas recordo como muito positiva uma visita que fiz a umas instalações situadas no meio da Ria Formosa, onde decorriam investigações no domínio da biologia e da aquacultura. Lembro-me do entusiasmo dos investigadores e da esperança que, então, manifestaram de avançar não só no que tocava aos novos conhecimentos adquiridos mas também às múltiplas aplicações que anteviam para os mesmos.

Depois disso, fui encontrando, em muitos outros lados, investigadores que haviam feito a sua formação na Universidade do Algarve e que tinham frequentado os laboratórios que eu tinha visitado, nomeadamente a invulgar instalação no meio da Ria, que tanto entusiasmo despertou em todos.

Gostaria de lá voltar!...



1980/1989

INSTALAÇÃO

1982

- › Nomeação do 1º Reitor Manuel Gomes Guerreiro

1983

- › Publicação do resultado de um inquérito sociológico com vista à definição das características da Universidade do Algarve, coordenado por João Pereira Neto
- › Inscrição do aluno nº1, 10 de outubro
- › Abertura do ano letivo (1983/84)
- › Primeiros cursos, primeiras turmas

1984

- › Sessão Solene de Abertura do 1º ano letivo

1986

- › Nomeação do Reitor Lloyd Braga
- › Lloyd Braga é simultaneamente Reitor da Universidade do Algarve e Presidente do Instituto Politécnico de Faro

1988

- › O Governo decretou a articulação, para efeitos de gestão comum, do subsistema de Ensino Superior Universitário e do subsistema de Ensino Superior Politécnico na região.





O período de pré-instalação da Universidade do Algarve terminou em 1981 com o despacho ministerial de 25 de agosto.

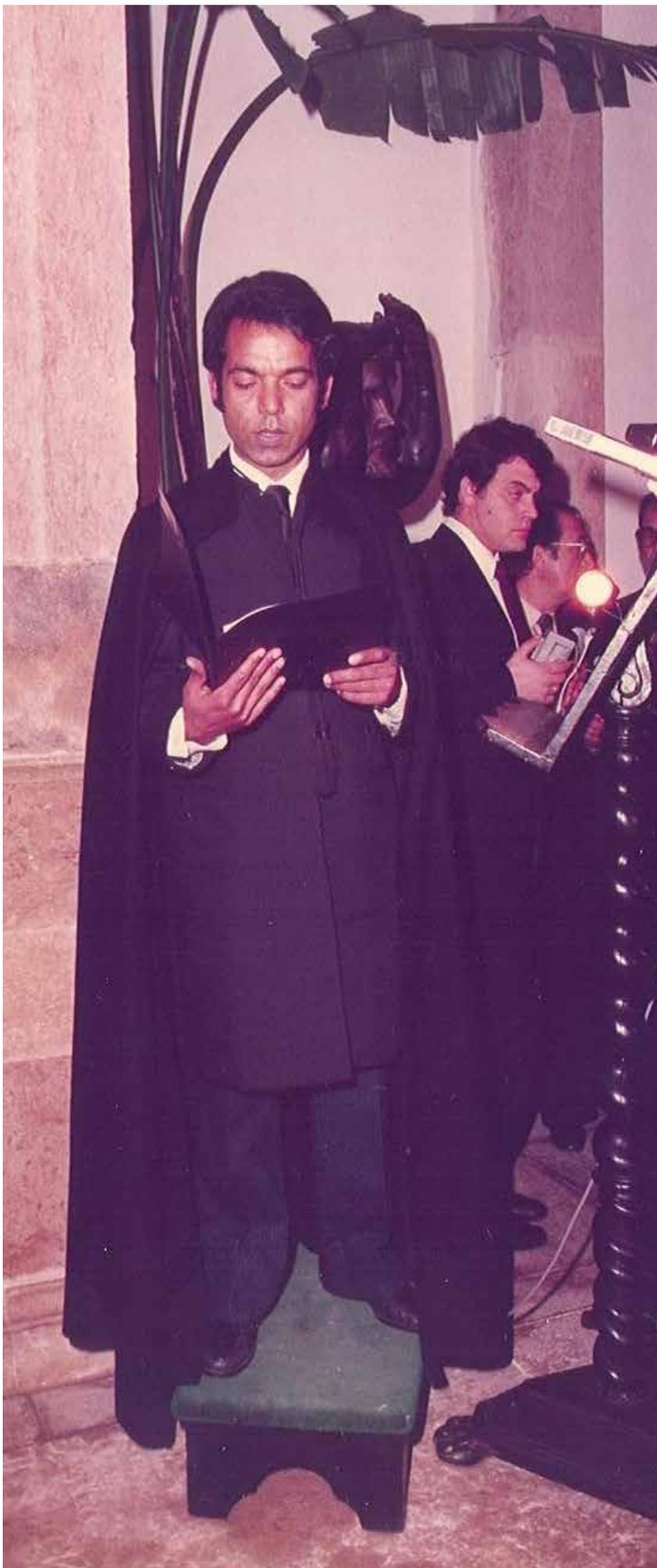
Em 1982 foi nomeado o primeiro Reitor, Manuel Gomes Guerreiro, e em 1983 iniciou-se o primeiro ano letivo com três cursos que conferiam grau de licenciatura: Biologia Marinha e Pescas, Gestão de Empresas e Hortofruticultura.

Embora as atividades letivas tenham começado no dia 30 de outubro de 1983, foi apenas no dia 20 de março de 1984 que se realizou a Sessão Solene de Abertura do Primeiro Ano Letivo, que decorreu no Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, antiga capela de Nossa Senhora da Assunção, em Faro.

A sessão, presidida pelo então Presidente da República, António Ramalho Eanes, contou com a presença de inúmeras entidades, nomeadamente José Augusto Seabra, ministro da Educação, Joaquim Germano Pinto Machado Correia da Silva, secretário de estado do Ensino Superior, Rogério Bordalo da Rocha, diretor-geral do Ensino Superior, e Eduardo R. de Arantes e Oliveira, reitor da Universidade Técnica de Lisboa, que representou o presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP).

Para além das entidades nacionais, marcaram também presença reitores, professores, docentes, alunos e diversas entidades não académicas como deputados e autarcas algarvios.

Por vontade própria, em 1986, Manuel Gomes Guerreiro terminou as suas funções enquanto Reitor da UAlg. Carlos Lloyd Braga passa e exercer, simultaneamente, as funções de Presidente do Instituto Politécnico de Faro e de Reitor da Universidade do Algarve.



Sadat Muzavor

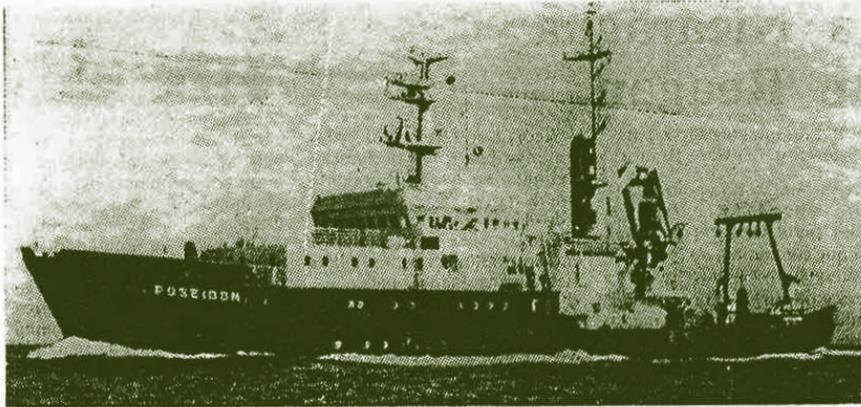
PRIMEIRO PROFESSOR DO CURSO DE BMP



Sadat Muzavor é um dos nomes incontornáveis da origem da Universidade do Algarve. Natural de Goa, chegou ao Algarve em 1982, para a abertura do curso de Biologia Marinha e Pescas, o primeiro em Portugal.

Atualmente, é professor aposentado da UAlg. Antes de chegar à UAlg, Sadat Muzavor foi assistente numa universidade alemã, Ludwig Maximilians - Universität München, a mesma onde se licenciou em Hidrogeologia e doutorou em Micropaleontologia, e, posteriormente, trabalhou na Universidade dos Açores, onde foi um dos fundadores do Departamento de Oceanografia e Pescas, situado na ilha do Faial. Foi nessa ilha que encontrou o professor Manuel Gomes Guerreiro, na altura o número um da Academia algarvia, e recebeu o convite para integrar o corpo docente desta Instituição. Já por terras algarvias e com muito trabalho pela frente, Sadat Muzavor conta que "foram tempos difíceis, com muitos altos e baixos, onde se fazia de tudo um pouco, mas também muito gratificantes". No meio deste turbilhão de acontecimentos começou a nascer aquele que viria a ser o primeiro plano de estudos do curso de Biologia Marinha e Pescas.

A atividade académica da Universidade do Algarve teve então início no dia 30 de outubro de 1983, com o funcionamento de três licenciaturas, em três diferentes domínios: Hortofruticultura, Biologia Marinha e Pescas e Gestão de Empresas, com um total de noventa e três alunos. Nesse primeiro ano letivo, o quadro docente da Universidade do Algarve



O navio-laboratório «Poseidon», da Alemanha Federal

Seminários de microbiologia na Universidade do Algarve

NO ÂMBITO de um vasto programa de cooperação científica e interuniversitária luso-alemã, tendo a sua sede na Universidade

estudo das potencialidades marinhas da sua costa. Inclusivamente, os jovens universitários algarvios procederam, em

sendo hoje oferecida uma recepção a bordo, com a presença do reitor da Universidade do Algarve, prof. Manuel Gomes

contava com um Reitor nomeado, dois professores catedráticos, um professor associado (Sadat Muzavor), um professor auxiliar, três assistentes, oito assistentes estagiários e 10 assistentes convidados, o que, em termos reais, correspondia a cinco alunos por docente, e que, segundo o relatório apresentado pelo Reitor Gomes Guerreiro, na sessão solene de abertura do primeiro ano letivo, que só se realizou a 20 de março de 1984, era superior a algumas Unidades portuguesas mais antigas. Nessa mesma sessão, Sadat Muzavor proferiu a oração de sapiência intitulada "O papel dos recursos do Mar na alimentação do Homem, o Caso da Ria Formosa". O professor recorda esse dia com algum saudosismo, confidenciando que na altura se apoderou dele um grande nervosismo dada a solenidade do ato. Este foi um momento que marcou Sadat Muzavor, tal como a Ria Formosa, um sistema ecológico vital e privilegiado para muitos seres vivos, "um laboratório aberto", como o docente gostava de lhe chamar. "A Ria de Faro/Olhão é um complexo ecológico bem diferenciado, de grande potencial biológico (pouco frequente no mundo) o que justifica a existência de um plano de estudo cientificamente detalhado sobre a mesma, de modo a que a possamos utilizar, tirando partido das suas enormes potencialidades", referiu na sua lição.

Hoje, dos anos que passou na UAlg relembra que "os primeiros tempos foram difíceis", mas, apesar das dificuldades, com muita resiliência foi-se conseguindo evoluir. Um dos momentos que não esquece foi a compra do primeiro microscópio para a Instituição:

"Assim que houve uns dinheirinhos comprámos um microscópio, o mais barato, claro", recorda entre risos.

Foi responsável em Portugal pelo projeto luso-alemão (BMFT) "Ria Formosa", coordenado pelo Institut für Meerskunde de Kiel, que permitiu impulsionar a investigação na área das Ciências do Mar e desenvolver as primeiras teses de licenciatura, mestrado e doutoramento neste ecossistema lagunar costeiro.

Depois, começaram os projetos para obter financiamento e com eles surgiram as primeiras contratações de assistentes. Mais tarde, também a entrada na União Europeia e, conseqüentemente, os projetos europeus, ajudaram no desenvolvimento da Academia. Sadat Muzavor contribuiu também para o conhecimento direto da biodiversidade da Ria Formosa, através de várias publicações, sendo da sua autoria uma coleção de seis volumes intitulada "Roteiro Ecológico da Ria Formosa".

Ainda relativamente a acontecimentos gratificantes que decorreram durante os primeiros tempos da Universidade do Algarve, o docente destaca a sua participação na criação do parque aquático Zoomarine, que tem colaborado desde então com a UAlg. De realçar ainda a estadia de três dias do navio alemão Poseidon, que esteve atracado no Porto de Faro, em 1985. A vinda deste navio oceanográfico permitiu aos alunos e docentes da Academia algarvia o contacto direto com investidores alemães, bem como a possibilidade de embarcarem a bordo para assistirem a dois seminários.

Sadat Muzavor recorda os primeiros alunos do curso de Biologia Marinha e Pescas, como uma espécie de "primeiro amor". Eram "muito bons, sendo que alguns deles permaneceram na Instituição e, hoje, são também eles docentes". É da "grande luta e espírito de entreatajuda" que o docente tem mais recordações, "todos, docentes e não docentes, contribuíram para levantar o alicerce desta Universidade".

Com uma vida dedicada à investigação e ao ensino, conta que "gostava muito de dar aulas" e que sempre ensinou aos seus alunos que "não vale a pena decorar, mas sim lembrar para sempre", tentando aplicar os ensinamentos que trouxe da Alemanha.

Apesar de ser um homem das ciências, Sadat Muzavor sempre revelou o seu lado humanista e reto, acreditando que o caminho de uma instituição também passa pelas relações interpessoais e que a relação professor-aluno tem de ser valorizada. "O professor tem de pôr os alunos à vontade, falar com eles. Se os tratar com boas maneiras, vai ver os resultados."

Defende que o futuro está "nas tecnologias, nomeadamente na inteligência artificial e nas energias limpas, pois os países estão dependentes da tecnologia".

No que diz respeito à evolução da Universidade, Sadat Muzavor acredita que a aposta na internacionalização é uma mais-valia porque "a Universidade é algo mundial, é o universo".

Fausto Martins de Carvalho



PRIMEIRO ADMINISTRADOR

Foi em 1983 que Fausto Martins de Carvalho iniciou o seu percurso na Universidade do Algarve. Natural da “cidade dos estudantes”, Coimbra, e licenciado em Direito pela universidade do seu município, foi membro da Comissão Instaladora e o primeiro administrador da Academia algarvia.

Recorda que os tempos da instalação da Universidade foram “um permanente desafio, por vezes complexo, mas estimulante”, salientando que havia “um sonho que forçava a realidade; uma utopia que se assumia por se desejar que acontecesse”.

Quando chegou à UAlg, Fausto Martins de Carvalho abraçou o projeto como “uma causa de valor inestimável”, pois, na sua opinião, tratava-se de uma instituição pública “nova, de exigência, mas libertadora”.

Foram tempos de “muito trabalho e grande empenho”, todavia, o antigo administrador relembra que a construção da Academia fez-se devido a “um trabalho coletivo traçado pelo desígnio e sabedoria, sempre presente, de um notável Reitor: Manuel Gomes Guerreiro”.

Durante três anos, Fausto Martins de Carvalho dedicou-se à Universidade e, para além das funções de administrador, pertenceu a diversos órgãos da Instituição, tendo sido membro do Conselho Administrativo dos Serviços Sociais, do Conselho Geral e da Comissão de Avaliação de terrenos destinados às instalações definitivas da UAlg.

Em 1986, a sua vida seguiu um rumo diferente e o antigo administrador da UAlg regressou a Coimbra, onde retomou a função de secretário da Faculdade de Ciências e Tecnologia, tarefa que desempenhava antes de se mudar para o Algarve. Desde aí, Fausto Martins de Carvalho confessa que

apenas tem tido contactos ocasionais com a Universidade, revelando que “não tive a honra, ao longo destas três décadas, de ter a oportunidade de visitar ou estar próximo da UAlg, o que me penaliza profundamente”.

No entanto, mesmo longe fisicamente, Fausto Martins de Carvalho tem acompanhado a evolução da Academia algarvia. “Considero que viveu tempos menos bons, mas que soube ultrapassá-los e seguir um caminho que deu solidez ao seu processo de construção e evolução de ensino e de investigação.” Para o antigo administrador, a Universidade destacou-se também “na sua relação com a comunidade científica universitária nacional e internacional, com o mundo empresarial e com a comunidade em geral”, tornando-se “uma poderosa alavanca de projeção do Algarve, em muito tendo contribuído para a afirmação da região”.

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

COMISSÃO INSTALADORA · PRAÇA DA LIBERDADE · 8000 FARO

RECRUTAMENTO DE ADMINISTRADOR

Por edital de 10 de Março de 1983 publicado no Diário da República nº 110, II Série de 2 de Abril de 1983, foi aberto concurso documental, pelo prazo de 30 dias a partir da data da sua publicação para recrutamento de 1 Administrador para a Universidade do Algarve.

Ao referido concurso serão admitidos os candidatos com licenciatura adequada para o exercício das funções.

O Reitor,



João Macedo Rodrigues

PRIMEIRO CHEFE DE REPARTIÇÃO

A vida de uma academia é feita por alunos, professores e, também, por funcionários. Estes últimos assumem um papel preponderante em qualquer organismo, pois são eles que organizam e gerem os procedimentos que fazem movimentar a instituição.

Na Universidade do Algarve existem, atualmente, cerca de 400 funcionários não docentes distribuídos por serviços e unidades orgânicas. Mas nem sempre assim foi. Aquando da sua criação, a UAlg tinha apenas 28 funcionários. Entre eles estava João Macedo Rodrigues, chefe de repartição, que chegou à Universidade em 1982, transferido do então Instituto Universitário de Vila Real, atual Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Nascido em Montalegre, João Macedo Rodrigues é licenciado em Gestão e Administração Escolar e exerceu diversas funções na área da Administração e Gestão Pública na Universidade do Algarve.

É com grande "saúde e até nostalgia de uma Instituição por excelência" que João Macedo Rodrigues recorda os tempos em que trabalhou na UAlg. Para o antigo funcionário, a Academia algarvia foi onde dedicou o melhor período da sua vida ativa e onde se sentiu bem, acreditando que esta Instituição "continuará a merecer a nossa intervenção em sua defesa quando se justificar e for devidamente oportuno".



Apesar de aposentado, continua a manter contacto com a Universidade, comparecendo nos atos e cerimónias para o qual é "respeitosamente convidado". Também os antigos colegas continuam a fazer parte da sua vida, mantendo "contacto possível e sempre gratificante".

Para o antigo chefe de repartição, "a Universidade do Algarve constitui o mais brilhante e admirável exemplo de fortalecimento do Ensino Superior em Portugal", que "sempre soube merecer a admiração e o respeito da comunidade académica e das instituições nacionais e internacionais".

Após 40 anos, e recordando o percurso da Academia algarvia, João Macedo Rodrigues acredita que "os verdadeiros objetivos foram seguramente alcançados", salientando que "valeu a pena a persistência e a determinação ao longo deste percurso desafiante, que também contribuiu para o engrandecimento e afirmação científica do País".



OS PRIMEIROS CURSOS

Biologia Marinha e Pescas, Hortofruticultura e Gestão de Empresas foram os primeiros cursos lecionados na Universidade do Algarve. O despacho a autorizar o início da atividade académica data de 24 de março de 1983, mas os cursos foram criados através do Decreto do Governo n.º 46/83 de 8 de junho.

A grande inovação dos planos curriculares foi a criação da disciplina "Os Recursos do Algarve e a Universidade" que pretendia, logo à partida, inserir o aluno na problemática do curso que escolheu.

O *numerus clausus* fixado foi de 30 alunos para cada curso. Em primeira opção candidataram-se 56 alunos ao curso de Biologia Marinha e Pescas, lecionado pela primeira vez numa universidade portuguesa, sete ao de Hortofruticultura e 25 ao de Gestão de Empresas. Os três cursos ficaram com as vagas preenchidas, sendo que o de Gestão de Empresas acabou por aceitar 33 alunos devido ao acesso de estudantes titulares de habilitações especiais.

Do total de alunos, 56% pertenciam ao sexo feminino e 44% ao masculino. Na sua distribuição, 28 alunos eram oriundos de Vila Real de Santo António, Olhão, Loulé e Tavira, sete de cada concelho. Três de Lagos, um de Portimão e um de Lagoa. Os concelhos de São Brás de Alportre, Albufeira e Silves contribuíram com dois alunos cada. Havia cinco concelhos algarvios que não tinham alunos na UAAl, sendo o de Faro o mais representativo com 22. De Lisboa, ingressaram na UAAl sete alunos e, de destinos mais distantes, chegaram à UAAl cinco alunos vindos de Viseu, Gondomar, Mechedo de Cavaleiros, um dos Açores e um da Madeira.

Biologia Marinha e Pescas



Alexandra Teodósio

Alexandra Teodósio foi a aluna número 28 da Universidade do Algarve. Inscreveu-se no curso de Biologia Marinha e Pescas, um dos três primeiros a ser lecionado pela Instituição. Atualmente, é vice-reitora para a Investigação e Internacionalização nesta Instituição.

O primeiro contacto com a Academia foi nos Serviços Académicos, no largo do Pé da Cruz, onde realizou a sua inscrição.

"Em 1983, a UAlg encontrava-se muito dispersa pela cidade, com vários núcleos, os serviços académicos, a unidade letiva no Bom João, os gabinetes dos docentes no Largo da Palmeira", recorda Alexandra Teodósio. "Lembro-me do primeiro dia, na Casa dos Rapazes, onde cheguei com as minhas amigas e colegas de sempre, duas delas, a Ana e a Teresa." Sobre o primeiro dia de aulas existia alguma expectativa. "Afim de contas, era um curso novo, numa universidade nova, com colegas novos, mas estávamos conscientes de que era um momento único, diferente do que ir para uma universidade clássica, com milhares de estudantes."

Os cursos de Biologia Marinha e Pescas e de Hortofruticultura tinham no primeiro ano as mesmas disciplinas e os mesmos programas e as aulas eram dadas em conjunto. As aulas práticas, já separadas por cursos, em grupos mais pequenos, eram aulas simples, sem muito equipamento, com espaço laboratorial limitado. "Lembro-me da primeira aula de Química, com o professor Abílio Marques da Silva e a sua assistente Emília Costa, com apenas um bico de Bunsen (dispositivo usado para efetuar aquecimento de soluções em laboratório) e muita imaginação." No entanto, relativamente a saídas de campo, considera que foram uns privilegiados.

"Aprender Biologia Marinha e Pescas perto de uma variedade enorme de ecossistemas marinhos, que nos serviram de laboratórios naturais, como sistemas estuarinos (Guadiana), sistemas rochosos (Olhos de Água), sistemas lagunares (Ria Formosa), foi de facto uma excelente oportunidade", sublinhou Alexandra Teodósio. Lembra-se, em particular, das saídas de campo com o professor José Calvário, "nas quais a proximidade entre os estudantes e os docentes também era facilitada, resultando daí laços muito duradouros, alguns deles para toda a vida".

Durante o primeiro ano do curso teve a oportunidade de contactar com professores, alguns deles visitantes que lhe causaram grande impacto, como Ramon Margalef (primeiro catedrático formado em Ecologia, em Espanha). "A sua perspectiva do ensino da Ecologia Aquática impressionou-me e ainda hoje me guia em vários aspetos da minha investigação". Recordar-se também do professor Gomes Guerreiro e do que com ele aprendeu sobre a serra algarvia, pois, apesar de ter escolhido Biologia Marinha, vinha de uma família de agricultores (da parte materna) e as plantas sempre a fascinaram. De entre os professores, a bióloga marinha destaca ainda Sadat Muzavor, "professor que sabia ouvir e apoiar os estudantes como poucas pessoas que conheci".

Em 1983, como era o ambiente académico na UAlg e na cidade de Faro? "Éramos talvez mais sustentáveis", salienta, explicando que "a ausência de algumas infraestruturas, como cantinas, espaços desportivos, residências, transportes, tornava-nos mais próximos, partilhavam-se os carros, as cozinhas, os livros". Faro começa a receber os primeiros universitários, e a noite académica começa a vislumbrar-se. "Encontrávamo-nos com frequência em bares e cafés na baixa de Faro, lembro-me em particular do Café Aliança, M7, Clube Naval, Pizzaria Bella Itália." Tempos distantes, sem redes sociais, mas com muita partilha pessoal, "a internet e os computadores eram muito limitados, o único que existia na UAlg era no rés-do-chão da Casa dos Rapazes. Tudo isto nos aproximava mais, não só estudantes, mas também funcionários e docentes".

A Universidade do Algarve surgiu no pós 25 de Abril, no meio da grande abertura das universidades à sociedade e às regiões que as acolhiam, ávidas de conhecimento e de recursos humanos com formação superior.

"No Algarve, esta ligação à região também foi muito óbvia com os três primeiros cursos oferecidos, diretamente ligados às principais atividades: pesca, agricultura e o turismo (gestão de empresas)."

Traçando uma retrospectiva, observa que "as décadas de 80 e 90 foram altamente dinâmicas, com a UAlg a chegar rapidamente aos 10 mil alunos no ano 2000". Na sua opinião, neste espaço de tempo constata-se que "a UAlg obteve um reforço significativo do número de professores doutorados, muitos deles com doutoramento no estrangeiro, o que contribuiu para o primeiro passo da sua internacionalização".

Atualmente, a Academia algarvia é a segunda instituição de ensino superior com maior percentagem de estudantes estrangeiros em Portugal. "Temos mais de 20%, quer estudantes que frequentam cursos na totalidade, quer os de mobilidade." Ora, reforça, "estes níveis de internacionalização muito encorajadores devem a sua génese à área da Biologia Marinha, quer no Ensino, quer na Investigação". Os factos falam por si: "a UAlg apresenta atualmente quatro mestrados na área das Ciências do Mar - Biologia Marinha, Sistemas Marinhos e Costeiros, Aquacultura e Pescas e Recursos Biológicos e Marinhos - em que 65% dos estudantes são estrangeiros", exemplifica.

Para a atual vice-reitora, "será através da internacionalização dos cursos de pós-graduação, aliada a uma investigação de qualidade, que a UAlg poderá enfrentar a redução demográfica sentida na região e no País e que se acentuará nos próximos anos".

Para a aluna número 28 da UAlg, a sua Universidade "vai continuar a ser uma instituição de referência na região, mas será também uma UAlg mais aberta ao mundo, com mais estudantes nacionais e internacionais, quer nos campi, quer à distância, em interação com uma investigação de qualidade, quer nos centros da UAlg, quer em universidades estrangeiras".

Para terminar, concretiza: "Desejo que daqui a 40 anos tenhamos uma UAlg, além de + saudável, com + ciência, reconhecida internacionalmente, mas sobretudo uma UAlg +inclusiva, contribuindo ativamente para o ambiente e para uma economia + sustentável".

Hortofruticultura

Das aulas teóricas e práticas, Ana Cristina Carvalho recorda que a Universidade apenas tinha dois laboratórios e, por isso, utilizavam muitas vezes os laboratórios da Direção Regional de Agricultura do Algarve em Tavira e no Patacão. “Os nossos professores esforçaram-se por nos dar uma boa formação, apesar das instalações não serem, nesse tempo, as ideais.”

No que diz respeito às saídas de campo, a engenheira hortofrutícola salienta que aprendeu muito “no terreno”, visitando “inúmeras explorações agrícolas, explorações tecnicamente avançadas, vimos metodologias corretas e incorretas, enfim, conhecemos o que se fazia naquela altura”. Dessas visitas de estudo, Ana Cristina Carvalho destaca a visita a uma exploração agrícola de morangos, onde lhes foi explicado todo o processo de cultivo, incluindo os produtos químicos utilizados. “No final da visita, por cortesia, ofereceram-nos uma caixa de morangos lindíssimos. Agradecemos a amabilidade, mas quando regressámos, deitámos os morangos no lixo, de tal forma vínhamos impressionados com os produtos químicos que os produtores utilizavam”, confidencia.

Os professores e os colegas são uma parte essencial da vida de um estudante. Dos primeiros, a engenheira hortofrutícola evidencia o facto de “sem perdermos o respeito uns pelos outros, conseguimos manter um relacionamento mais informal, pelo menos com alguns”; dos segundos, recorda a “boa camaradagem” que mantinham e o espírito de união que existia e que os fez, por exemplo, organizar uma manifestação onde reivindicaram a criação de uma cantina. As noites no Café Aliança e na «Rua do Crime» e as tertúlias são outras das recordações que tem do ambiente académico, ambiente esse que, na sua opinião, “era muito bom, divertíamo-nos imenso!”

Alguns anos após terminar a licenciatura, voltou à Universidade, desta feita para ingressar no curso de Arquitetura Paisagista, mas, por razões pessoais, não o terminou. Nesse período, encontrou uma Instituição “muito diferente, com maiores e melhores instalações, muitos mais cursos, professores e alunos”. Na sua opinião, “a Universidade cresceu muito desde os seus primeiros tempos e esse desenvolvimento foi necessário para que continuasse a existir”.

Numa tentativa de projetar a UAAl no futuro, e admitindo que, como Camões escreveu, “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, Ana Cristina Carvalho acredita que “no futuro, irão existir novas profissões e é necessário preparar esses profissionais; os problemas ambientais são cada vez mais graves e a própria sociedade também apresenta muitos problemas que urgem ser tratados”. Assim, “surgirão novos cursos, outros serão adaptados e a investigação também terá novos rumos para responder a esta evolução”.

Atualmente, Ana Cristina Carvalho é formadora de cursos na área da jardinagem para pessoas com experiência em doença mental e/ou deficiência na Associação de Saúde Mental do Algarve (ASMAL) e revela-se extremamente satisfeita, pois ajuda essas pessoas a “melhorarem as suas competências e a sua vida”, confidenciando “adoro a minha profissão!”

No seu local de trabalho, tem tido oportunidade de transformar o espaço exterior ao longo dos anos e, juntamente com os seus formandos, criou um jardim que é permanentemente modificado e contém uma horta biológica onde plantam ervas aromáticas e medicinais, flores e outras hortícolas.

Entre o final da sua licenciatura e o seu trabalho atual, foi formadora em cursos de formação profissional, nomeadamente no curso de Produção e Apanha de Plantas Medicinais e Aromáticas, promovido pela Associação *In loco* e financiado pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP). Foi também coordenadora local e assessora pedagógica do projeto New Opportunities for Women (NOW) – Curso de Turismo em Espaço Rural, dinamizado pela Direção Regional de Agricultura do Algarve, que teve como objetivo capacitar um grupo de doze mulheres para a criação de serviços e atividades alternativas na área do turismo em meio rural.

Volvidos 36 anos desde que ingressou na Universidade do Algarve, é com saudade e nostalgia que Ana Cristina Carvalho lembra os seus tempos de estudante: “Ainda hoje sinto que foi muito enriquecedor o tempo que passei na Universidade. Na verdade, considero que foram os melhores anos da minha vida, incluindo os amigos que ganhei nesse tempo, cuja amizade ainda preservo”.



Ana Cristina Carvalho

Ana Cristina Carvalho foi uma das primeiras alunas da Universidade do Algarve. Em 1983, deixou Almada e rumou até ao Algarve para ingressar no curso de Hortofruticultura, tornando-se, assim, a aluna número 62 da Academia algarvia.

Segundo a Comissão Instaladora da Universidade do Algarve, a licenciatura em Hortofruticultura tinha como principal objetivo no Algarve a rentabilização máxima da radiação solar, aproveitando as elevadas temperaturas, por comparação com o restante território continental, para incrementar o processo de produção de modo a retirar o máximo de produto de cada colheita.

A primeira vez que Ana Cristina Carvalho teve contacto com a Academia algarvia foi no dia das matrículas. “Vim de propósito a Faro com a minha melhor amiga que também tinha entrado no mesmo curso”, recorda. Mas, como na altura a Reitoria e os Serviços Académicos se situavam num local diferente daquele onde se realizavam as aulas, não conseguiram conhecer as instalações. “Voltei para casa cheia de curiosidade e sem conhecer absolutamente nada de Faro”, revela a engenheira hortofrutícola.

O primeiro dia de aulas foi uma aventura. Andou perdida pela cidade em busca das instalações provisórias onde se realizavam as atividades letivas: a Casa dos Rapazes. Felizmente, “um rapaz que lá vivia ajudou-a a chegar ao destino”, recorda.

Gestão de Empresas



José Alberto Pereira

Natural de São Brás de Alportel, José Alberto Pereira ingressou no curso de Gestão de Empresas da Universidade do Algarve em 1983, integrando, assim, a primeira turma. Foi um dos primeiros alunos da UAlg, mais concretamente o aluno número 45, e recorda: “fomos uns caloiros sem praxes e sem mentores, uma espécie de pioneiros”.

Da sua turma relembra que eram 30 e que cerca de 50% eram trabalhadores estudantes, ele inclusive. Quando chegou à UAlg, José Alberto Pereira era já técnico de contas e tinha fundado a sua própria empresa de consultoria e contabilidade, a Normiconta. Atualmente, é sócio-gerente desta empresa, que conta com um total de 20 colaboradores, metade deles graduados pela Academia algarvia.

Sobre os primeiros tempos na UAlg recorda a fácil integração e que, mesmo sendo trabalhador estudante, “de bom grado os outros colegas facultavam os apontamentos, muito importantes como guias de estudo, existindo um espírito de entreajuda muito salutar”. Para além das aulas em sala, relembra as visitas de estudo a empresas, que, na sua opinião, “ajudaram muito a começar a conhecer o mundo empresarial”. Para José Alberto Pereira, “uma empresa é como um laboratório para os estudantes de Gestão ou Economia”, embora naquela altura não existisse ainda “a cultura académica de ligação empresa-universidade, o que tornava mais difícil a abertura das empresas aos alunos para mostrarem a sua realidade empresarial”.

No que diz respeito aos professores, salienta que “muitos eram novos em experiência no ensino universitário”, mas, no geral, “tinham uma boa relação connosco e muitos deles tinham uma grande experiência fora da Universidade”. Desses docentes, o gestor destaca Efigénio Rebelo, atual professor catedrático da UAlg, com quem alguns alunos mantinham uma excelente relação, e José Joaquim Laginha, que abordava a matemática de uma forma cativante. “Ao fim de um mês, fazíamos equações aplicadas à economia e o professor mentalizava-nos que, no fim do período, estaríamos prontos para ser <<ministros das Finanças>>”, confidencia com nostalgia.

Embora estudasse e trabalhasse em simultâneo, José Alberto Pereira não descurou a vida académica, tendo pertencido aos primeiros órgãos sociais da Associação de Estudantes, como representante da Unidade de Gestão de Empresas. Relativamente ao convívio, o empresário revela que os colegas juntavam-se em grupos de quatro ou cinco, para trabalhar e estudar, mas também para ir ao café e “jogar *snooker* uma ou duas

horas”. No entanto, salienta, “não era fácil articular as responsabilidades familiares com a confraternização entre alunos”.

Questionado sobre a evolução da Instituição, o gestor é perentório: “O crescimento e evolução da Universidade do Algarve têm sido fantásticos”. Na sua opinião, a UAlg é “um pólo dinamizador da economia do Algarve, através das suas várias valências e da sua interligação com a sociedade algarvia, projetando os seus licenciados para centros de decisão e elevando, assim, o nome da Universidade”.

Todavia, a passagem de José Alberto Pereira pela UAlg não se fez só no papel de aluno. Entre 1993 e 2008, foi também docente convidado na Faculdade de Economia, tendo lecionado as disciplinas de Contabilidade Analítica, Contabilidade Geral, Contabilidade Prática e Fiscalidade. “Foi com muita satisfação que assisti ao dinamismo da Faculdade de Economia, com a criação de mestrados e doutoramentos”, salienta.

Relativamente ao futuro da Academia, o gestor acredita que “a Universidade do Algarve manterá o seu papel relevante no desenvolvimento da economia regional e nacional desde que continue a pautar o seu ensino pelo rigor e excelência, primando mais pela qualidade que pela quantidade”. Com uma sociedade civil e empresarial que “não se compadece de facilitismos”, José Alberto Pereira crê que é “fundamental para o crescimento da Universidade que a mesma seja conhecida, tanto interna como externamente, pela exigência, rigor e capacidade de trabalho”.



1990/1999

CRESCIMENTO

1990

- › Eleição do Reitor Jacinto Montalvão Marques
- › Primeiro doutorado pela UAlg

1991

- › Aprovação dos primeiros Estatutos da UAlg

1992

- › Extinção do Instituto Politécnico de Faro e integração das escolas politécnicas na Universidade do Algarve

1993

- › Criação do Centro de Ciências do Mar (CCMAR)
- › Eleição do Reitor Eugénio Alte da Veiga

1996

- › Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a António Simões Lopes
- › Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a Maria Alete das Dores Galhoz

1997

- › Criação da Associação Académica da Universidade do Algarve (AAUALG), como resultado da junção das seis associações de estudantes existentes

1998

- › Criação do Centro de Investigação Marinha e Ambiental (CIMA)
- › Eleição do Reitor Adriano Gomes Pimpão

1999

- › Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa in Memoriam* a Paulo Regulus Neves Freire



Foi na década de 90 que a Universidade do Algarve consolidou o seu crescimento em diversos níveis.

No que diz respeito aos estudantes, a UAlg mais do que quadruplicou o seu número de alunos. Com um crescimento anual médio de mais de 21%, a UAlg iniciou esta década com cerca de 2 mil alunos e terminou-a com quase 10 mil, aproximando-se, assim, da sua realidade atual.

Com a extinção do Instituto Politécnico de Faro e a integração das escolas politécnicas na UAlg, em 1992, a Instituição aumentou para sete as suas unidades de ensino. Deste modo, às quatro unidades do subsistema universitário existentes (Unidade de Ciências Exatas e Humanas, Unidade de Ciências e Tecnologias Agrárias, Unidade de Ciências e Tecnologias dos Recursos Aquáticos e Faculdade de Economia), juntaram-se as três do ensino politécnico (Escola Superior de Educação, Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo e Escola Superior de Tecnologia).

Também neste período, a Academia algarvia evoluiu ao nível das infraestruturas. Com a integração das escolas politécnicas, a UAlg absorveu as instalações do *Campus* da Penha e, em 1993, celebrou um protocolo com a Câmara Municipal de Portimão, que cedeu um espaço para a criação de um *Campus* naquele Município.

Os Serviços de Ação Social, nomeadamente no que concerne ao alojamento, dispunham no final desta década de 12 residências adquiridas/construídas, disponibilizando, assim, um total de 610 camas.



ADRIANO PIMPÃO

REITOR
1998 a 2006

Iniciei a minha ligação à Universidade do Algarve em outubro de 1986, era então reitor o professor Lloyd Braga e a Reitoria ainda se localizava no Largo Pé da Cruz, em Faro.

As minhas atividades no Ministério do Planeamento permitiram que nesta fase me dedicasse a tempo inteiro às funções de diretor de Planeamento da CCDR Algarve e assumisse funções docentes a tempo parcial como professor auxiliar convidado na Universidade.

Em 1989 decidi aceitar o convite para ingressar a tempo inteiro na Universidade, após ter sido aprovado em concurso para professor associado e assumir o lugar de pró-reitor, o que ocorreu também durante o mandato do reitor Montalvão Marques. Entretanto, no período até 1994 prestei provas de agregação e concorri para professor catedrático. Durante o mandato do reitor Alte da Veiga fui nomeado vice-reitor até suspender funções em novembro de 1995 para integrar o Governo, como secretário de Estado do Desenvolvimento Regional.

Em final de 1997 pedi para cessar funções governativas para me candidatar a reitor, tendo iniciado estas funções em janeiro de 1998.

Cumpri dois mandatos (1998-2006) como reitor, tendo também sido eleito Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) no período 2000-2005.

Em 1998 fui encontrar uma universidade já com dimensão e organizada.

O trabalho de articulação dos dois subsistemas de ensino superior (Universitário e Politécnico) e de consolidação da unidade e da identidade da instituição Universidade do Algarve foi a principal tarefa do primeiro mandato. No segundo mandato considerou-se prioritário executar uma política de qualificação do corpo docente (aumentando o número de Doutores) e constituir as condições para o desenvolvimento da investigação, com fortes parcerias nacionais e internacionais.

Se me perguntarem qual a principal ambição estratégica que concebi para a Universidade, direi que foi afirmar a Instituição nos planos nacional e internacional, de forma credível e respeitada pelas outras instituições do setor, pela tutela e pela sociedade em geral.

De realçar a criação do Departamento de Ciências Biomédicas e Medicina, com inovação pedagógica e uma forte componente de investigação. Este projeto constituiu uma luta difícil, mas que se venceu pela sua qualidade e pelo profissionalismo dos vários intervenientes.

Os reitores seguintes deram um grande impulso a esta estratégia, concretizando-a de modo sustentável, nomeadamente a nível internacional.

A Universidade do Algarve foi, é e será certamente um grande projeto coletivo, envolvendo profundamente a sociedade civil e os atores políticos.

Tenho uma forte convicção que a Universidade do Algarve será no futuro, se for seletiva e exigente na escolha das suas áreas estratégicas de desenvolvimento, uma das grandes (em qualidade) universidades, não só no campo do ensino, mas especialmente na investigação e na formação avançada.

Adriano Pimpão

José Pedro Andrade

PRIMEIRO DOUTORADO MADE IN UALG

Foi em 1990 que a Universidade do Algarve assistiu à conclusão do primeiro doutoramento *made in UAlg*. Com uma investigação dedicada à Ria Formosa, José Pedro Andrade tornou-se, assim, o primeiro doutorado pela Academia algarvia.

Chegou à UAlg em dezembro de 1982 para exercer funções como assistente-estagiário, cinco meses após terminar a licenciatura em Biologia (ramo científico) na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Tomou conhecimento de que a, então recente, Universidade iria abrir recrutamento para docentes e resolveu apresentar-se ao concurso. "Em face da oportunidade de participar num projeto em início de desenvolvimento, considerei aliciente e desafiante poder integrar a equipa que se estava a formar e veio a constituir o núcleo pioneiro da Instituição", recorda José Pedro Andrade.

Antes de considerar a realização do doutoramento, o docente apresentou-se "às Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, condição necessária para aceder à categoria de assistente e prosseguir a carreira universitária", provas em que também foi pioneiro.

Relativamente à escolha da Ria Formosa como tema central do seu doutoramento, José Pedro Andrade refere que "foi uma opção natural, dada a importância deste ecossistema no contexto regional e nacional, à sua proximidade com a Universidade e à grande escassez de informação sobre a *ictiofauna* desta formação lagunar". Debruçou o seu estudo no ciclo biológico de quatro espécies de *Pleuronectiformes* (linguados) presentes na Ria Formosa, baseando-se "na sua elevada importância económica e também no facto de não haver qualquer informação publicada" sobre as espécies e sobre o tema, na Ria Formosa.

Recordando os tempos em que chegou à Instituição e realizou o seu doutoramento, o agora professor catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), investigador e membro fundador do Centro de Ciências do Mar (CCMAR) da UAlg, relembra que

havia carência de recursos financeiros e de meios e "o desafio principal era conseguir reunir as condições mínimas para poder desenvolver atividade nas áreas da docência e da investigação". No entanto, através de parcerias com a Região de Turismo do Algarve e com a Comissão Coordenadora da Região do Algarve, conseguiu obter financiamento para o seu projeto de doutoramento.

Ao longo do seu percurso na Universidade do Algarve, exerceu cargos em todos os



órgãos de gestão universitária, a nível de faculdade ou equivalente, e lecionou em vários cursos e níveis de ensino. Em termos de investigação, após a conclusão do seu doutoramento, José Pedro Andrade criou o grupo de investigação em Biologia Pesqueira e Hidroecologia do Centro de Ciências do Mar, do qual é investigador responsável. Durante os primeiros anos, a atividade do grupo centrou-se no estudo de aspetos biológicos relevantes para a gestão de recursos pesqueiros (peixes e cefalópodes), no impacto das artes de pesca na biodiversidade, e na biologia e ecologia de peixes migradores anádromos. "Presentemente, o grupo integra duas linhas de investigação prioritárias: desenvolvimento das bases científicas e técnicas para o cultivo de moluscos cefalópodes (*Sepia officinalis* e *Octopus vulgaris*), e conservação da biodiversidade na Ria Formosa, utilizando os cavalos-marinhos como espécies-bandeira."

Após a criação de uma dinâmica de funcionamento na Academia, "a evolução foi natural e permitiu uma expansão e uma diversificação gradual da investigação, o que foi essencial para promover a qualidade da formação de alunos", relata o docente e investigador, relembando que "foram tempos difíceis, desafiantes e extremamente gratificantes, pois permitiram-me participar no nascimento, na instalação e no desenvolvimento da Instituição da qual hoje

fazemos parte".

Questionado sobre como caracteriza o crescimento da Instituição, José Pedro Andrade identifica três fases essenciais: a implantação, a afirmação e a expansão, e os novos desafios. Na implantação, recorda que a Academia se "organizou em torno de temáticas regionais e da necessidade de formação superior de qualidade nessas áreas", assistindo-se ao reforço progressivo das infraestruturas laboratoriais, dos recursos humanos e à

mudança de instalações para o *Campus* de Gambelas; na segunda fase, de afirmação e de expansão, salienta a publicação dos primeiros Estatutos, a coexistência de dois subsistemas de ensino, o universitário e o politécnico, a expansão do corpo docente e a criação do Centro de Ciências do Mar; já nos novos desafios, o docente destaca a reanálise e adaptação da oferta formativa, a implementação do processo de Bolonha e o acentuar da internacionalização.

Acreditando que a UAlg teve um "inquestionável contributo para o desenvolvimento local e regional, para o progresso do conhecimento científico e para a formação de quadros de elevada qualidade", o docente considera que a Academia algarvia "soube responder aos desafios e trabalhar de uma forma integrada e objetiva para os atingir e superar".

No que diz respeito ao futuro, José Pedro Andrade revela o que gostaria que fosse a evolução da Universidade do Algarve: "o conhecimento, o estímulo intelectual e a investigação continuada são armas poderosas ao dispor de uma instituição universitária". Por isso, salienta, "uma aposta consistente e determinada na excelência será a única forma de afirmar a Universidade do Algarve como instituição de ensino superior inovadora e comprometida com o progresso do conhecimento e do desenvolvimento social."

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Despacho Normativo n.º 198/91

Ouvida a comissão instituída pelo Despacho n.º 31/ME/89, de 8 de Março, homologo, nos termos do disposto no artigo 3.º da Lei n.º 108/88, de 24 de Setembro, os Estatutos da Universidade do Algarve, que são publicados em anexo ao presente despacho.

Ministério da Educação, 27 de Agosto de 1991. —
O Ministro da Educação, *Roberto Artur da Luz Carneiro*.

ANEXO

Estatutos da Universidade do Algarve

TÍTULO I

Disposições comuns

CAPÍTULO I

Natureza, atribuição e competência

Artigo 1.º

Denominação e natureza

1 — A Universidade do Algarve, adiante designada simplesmente por Universidade, é uma pessoa colectiva de direito público e goza de autonomia estatutária, científica e pedagógica.

2 — A Universidade goza, ainda, de autonomia administrativa, financeira e patrimonial, bem como de autonomia disciplinar nos termos da lei e dos presentes Estatutos.

Artigo 2.º

Sede

A Universidade tem a sua sede em Faro e pode criar extensões, nomeadamente de ensino e investigação, em outras localidades da região algarvia.

Artigo 3.º

Insignias

A Universidade adoptará insignias, bandeira, logótipo e traje professoral próprios, de modelos a aprovar pelo senado.

Artigo 4.º

Dos fins

A Universidade é um centro de criação, transmissão e difusão da cultura, da ciência e da tecnologia e tem por fins:

- a) A formação humana, cultural, científica e técnica;
- b) A realização da investigação fundamental e aplicada;

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Decreto-Lei n.º 241/92

de 29 de Outubro

Os Estatutos da Universidade do Algarve, recentemente aprovados, integraram nesta Universidade as escolas superiores que constituíam o Instituto Politécnico de Faro, de acordo, aliás, com a faculdade prevista no n.º 3 do artigo 14.º da Lei de Bases do Sistema Educativo.

Torna-se necessária, portanto, a criação de um enquadramento legal adequado à nova realidade, não só em termos de património como de meios humanos.

Assim:

Nos termos da alínea a) do n.º 1 do artigo 201.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo 1.º É extinto o Instituto Politécnico de Faro, criado pelo Decreto-Lei n.º 513-T/79, de 26 de Dezembro.

Art. 2.º — 1 — O pessoal em serviço no Instituto Politécnico de Faro à data da entrada em vigor do presente diploma transita para a Universidade do Algarve, independentemente de quaisquer formalidades.

2 — A transição faz-se na categoria e com tipo de vinculação que o pessoal tenha nesta mesma data.

Art. 3.º — 1 — O património próprio do Instituto Politécnico de Faro transita para a titularidade da Universidade do Algarve, constituindo este diploma título bastante para todos os efeitos legais, incluindo os de registo.

2 — O património afecto ao Instituto Politécnico de Faro passa a considerar-se afecto à Universidade do Algarve, independentemente de quaisquer formalidades.

Art. 4.º A Universidade do Algarve continua a dispor do quadro de pessoal constante do mapa anexo ao Decreto-Lei n.º 373/88, de 17 de Outubro.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 3 de Setembro de 1992. — *Aníbal António Cavaco Silva* —
Jorge Braga de Macedo — *António Fernando Couto dos Santos*.

Promulgado em 8 de Outubro de 1992.

Publique-se.

O Presidente da República, *MÁRIO SOARES*.

Referendado em 9 de Outubro de 1992.

O Primeiro-Ministro, *Aníbal António Cavaco Silva*.

Integração das escolas do Instituto Politécnico de Faro na Universidade do Algarve

Ludgero Sequeira



LUDGERO SEQUEIRA ingressou no Instituto Politécnico de Faro (IPF), em 1984. Foi um dos pioneiros da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo (ESGHT), exercendo funções de docente durante 30 anos. Em 1992, assistiu à extinção do Instituto Politécnico de Faro e à sua integração na Universidade do Algarve. Foi o primeiro presidente eleito da ESGHT (1992), tendo exercido esse cargo durante quatro mandatos. Foi ainda pró-reitor durante quatro anos (1993–1997) e membro do Conselho Geral (2009–2014).

Recorda que "foram momentos realmente interessantes na medida em que ambos os subsistemas estavam em franco crescimento, mas o facto de existirem duas instituições numa região tão pequena levou a que o poder político equacionasse a integração do IPF na Universidade". Na altura, recorda, "ainda nos debatíamos para que a figura não fosse a de integração, mas sim a da fusão, devido à carga política do termo".

As mudanças trazem consigo algumas inquietações e Ludgero Sequeira lembra que este processo foi vivido por alguns com um sentimento "de perda de algum poder, até porque havia cursos que eram concorrentes uns dos outros em ambas as instituições, particularmente nas áreas de Gestão e de Engenharia". Na sua opinião, "havia algum receio de que se caminhasse para uma situação em que o universitário subjugasse o politécnico e não o deixasse crescer da forma a que este aspirava". Muito se discutiu, muitas foram as vozes contra e a favor, mas certo é que a integração aconteceu e, na opinião do docente, este processo "foi realmente benéfico para a região porque a Universidade no seu todo tem sempre outra projecção do ponto de vista de imagem e político". Vinte e sete

anos volvidos, «penso que a decisão foi correta na medida em que o próprio sistema universitário sempre respeitou o politécnico e vice-versa, com algumas "tricas" que acabaram por se consertar». Para Ludgero Sequeira, "o professor Montalvão Marques, Reitor de então, foi muito importante nesta fase da coesão e da ligação entre os dois subsistemas, trabalho este que foi muito bem continuado pelo Reitor Eugénio Alte da Veiga". Com o devido distanciamento, considera que "realmente se caminhou lado a lado, com um bom diálogo e com um respeito mútuo".

Em 1991, reuniu uma Assembleia com a participação de representantes dos docentes, dos discentes e dos funcionários de todas as Unidades Orgânicas do Instituto Politécnico de Faro e da Universidade do Algarve e também dos representantes dos Serviços Centrais comuns às duas instituições, tendo sido aprovados os Estatutos vigentes até 2008. Ludgero Sequeira recorda-se perfeitamente dessas reuniões, lideradas pelo professor Montalvão Marques, que teve muitas dificuldades para colocar em prática esses Estatutos. "Foi realmente um Reitor extraordinário desse ponto de vista e inclusivamente tinha uma leitura muito interessante desta fase de implementação da Universidade do Algarve em toda a região, não só em Faro, e, por isso, criou os *Campi* de Portimão e de Vila Real de Santo António." Nesta descentralização, Ludgero Sequeira considera que, ao querer deslocar para esses dois *campi*, quer a formação politécnica, quer a formação universitária, "houve alguma reação desta última porque sempre evidenciou um estatuto de superioridade". Segundo a mesma fonte, "nessa primeira fase de coexistência existiram alguns atritos, que rapidamente foram ultrapassados e ainda bem que assim foi porque a UAlg ficou com dois subsistemas, tendo no seu seio o politécnico, que considero ser o tempero que esta Universidade tem e as outras não e que enriquece muito a Instituição."

Segundo o docente, "houve pessoas dentro desta casa que deram muito de si à Instituição, estamos a falar de um número de horas para além do normal, como é o caso do atual Reitor da Universidade do Algarve, Paulo Águas, que sempre foi incansável". Portanto, "foram muitos os que deram muito de si, mas em boa hora o fizemos pois deixámos realmente o que hoje dá expressão à Universidade."

Como marcos mais importantes nestes 40 anos de história, o docente elege a integração do politécnico na Universidade. "Acredito que se não tivesse acontecido, quer uma instituição, quer outra viveriam problemas difíceis na medida em que estamos inseridos numa região relativamente pequena, com alguma dificuldade em manter duas instituições de ensino superior, portanto com esta integração ganhámos força". Por outro lado, "considero que a UAlg soube, em algumas vertentes, nomeadamente na área da Biologia Marinha, preparar muito bem os seus recursos, sendo hoje uma referência muito grande a nível nacional e internacional, algo extremamente importante para projetar uma universidade". De uma forma transversal, ao longo destes anos, "penso que tivemos bons dirigentes a nível das equipas reitorais, revelando todos eles grande capacidade e competência para gerir a Instituição". Por último, o docente sublinha "a capacidade que a Universidade teve e tem de conseguir mobilizar alunos estrangeiros". Na sua opinião, "a internacionalização da Universidade terá de se impor para que, cada vez mais, essa mobilidade aumente, porque a UAlg tem condições para se adaptar a essa evolução, pois tem muito bons quadros quer a nível da investigação, quer a nível da docência".



Cândida Barroso

Chegou ao Instituto Politécnico de Faro (IPF) em 1982, depois de, por motivos familiares, resolver regressar às origens. Hoje, após 36 anos de colaboração, CÂNDIDA BARROSO prepara-se para terminar o seu “compromisso com a Universidade do Algarve”, devido à aposentação.

Antiga administradora da UAlg é atualmente jurista no Gabinete de Estudos e Planeamento da Universidade do Algarve.

Aquando do seu regresso, Cândida Barroso, então funcionária da Presidência da República, recorda que agendou duas entrevistas de emprego. Uma com o presidente da Comissão Instaladora do Politécnico de Faro, Loyd Braga, e outra com o Reitor da Universidade do Algarve, Manuel Gomes Guerreiro. A primeira entrevista foi no Instituto Politécnico de Faro, às 9h00, de um dia de agosto. “Entrei, perguntaram-me se tinha disponibilidade para trabalhar naquele dia e só regresssei a casa às 23h00”, relembra a jurista, salientando que, no dia seguinte, informou o Reitor da UAlg da sua decisão de trabalhar no Instituto.

Um ano mais tarde, após o IPF solicitar à Presidência da República o seu destacamento, Cândida Barroso iniciou um estágio de um ano na Direção Geral do Ensino Superior, com o intuito de se “familiarizar com os problemas do ensino superior politécnico, a nível de pessoal, de recursos financeiros, especialmente na organização de concursos internacionais e de assuntos jurídicos”. Em dezembro do mesmo ano, tomou posse como técnica superior de 1ª classe do IPF.

Durante 4 anos, de 1984 a 1988, foi administradora do IPF em comissão de serviço e, entre 1985 e 1986, foi secretária do Conselho Coordenador do Ensino Superior Politécnico, devido ao facto do presidente do Instituto ter sido nomeado para presidir o referido conselho.

Em 1992, ano em que se deu a integração do Instituto Politécnico de Faro na Universidade do Algarve, Cândida Barroso era diretora dos

Serviços Administrativos, função que manteve após a integração. Esse período, recorda, “não foi pacífico” e “a comunidade académica reagiu de forma diferenciada”, pois, embora os estudantes e funcionários tenham aceitado a mudança sem quaisquer problemas, os docentes dos dois subsistemas mostraram-se mais reticentes.

Depois de elaborados os primeiros Estatutos (1991), “os ânimos acalmaram, elegeram-se os órgãos da Universidade e finalmente estavam reunidas as condições para, em junho de 1992, ser eleito o 1º Reitor da Universidade do Algarve”, relembra Cândida Barroso, referindo-se a Jacinto Montalvão Marques, o primeiro reitor eleito da UAlg.

Ainda sobre o processo de integração, a jurista refere que “o subsistema politécnico queixava-se da redundância de cursos, da política de construções e gestão de espaços que conduziu a disparidades entre o *Campus* de Gambelas e o *Campus* da Penha”. Já no que diz respeito ao subsistema universitário, Cândida Barroso recorda que o mesmo “afirmava-se como um ensino superior de primeira, que reclamava primazia a nível de recursos”.

Acreditando que “acompanhar o nascimento e instalação de uma instituição é uma experiência única”, a jurista lembra que o Instituto Politécnico de Faro foi uma “instituição planeada”, realçando que, quando a Comissão Instaladora tomou posse, “já tinham sido criadas duas Escolas e estavam identificados os cursos adequados para a região”. Mesmo com uma equipa pequena e sacrificando fins de semana e férias, Cândida Barroso recorda que, antes de entrarem os primeiros alunos, “contratámos docentes e não docentes, lançámos concursos internacionais para aquisição de equipamento e continuou-se a construção”.

Após a integração, Cândida Barroso exerceu funções de administradora da Universidade (1993–2006) e de assessoria jurídica (2006 – 2015). Atualmente, para além de estar inserida no Gabinete de Estudos e Planeamento, dá apoio, em termos de secretariado, aos órgãos da Universidade, como é o caso do Conselho Geral e do Senado Académico.

Durante estes 36 anos, são muitas as histórias que tem para contar, “umas de sucesso, outras de fracasso e outras de alguma desilusão”, mas a jurista recorda dois momentos que a marcaram particularmente. O primeiro foi o falecimento prematuro do Reitor Montalvão Marques, numa época em que a Universidade começava a dar os primeiros sinais de estabilidade, em que “tinha duplicado os cursos, começavam a aparecer os grandes projetos e não dispúnhamos de recursos humanos, em termos de pessoal não docente, em número suficiente”, relembra. O segundo foi o da aposentação, inesperada, do Reitor Alte da Veiga, porque “vivía-se, de novo, um período de grande instabilidade que se refletia no dia a dia da vida da Universidade e nas reuniões conturbadas da Assembleia e do Senado”.

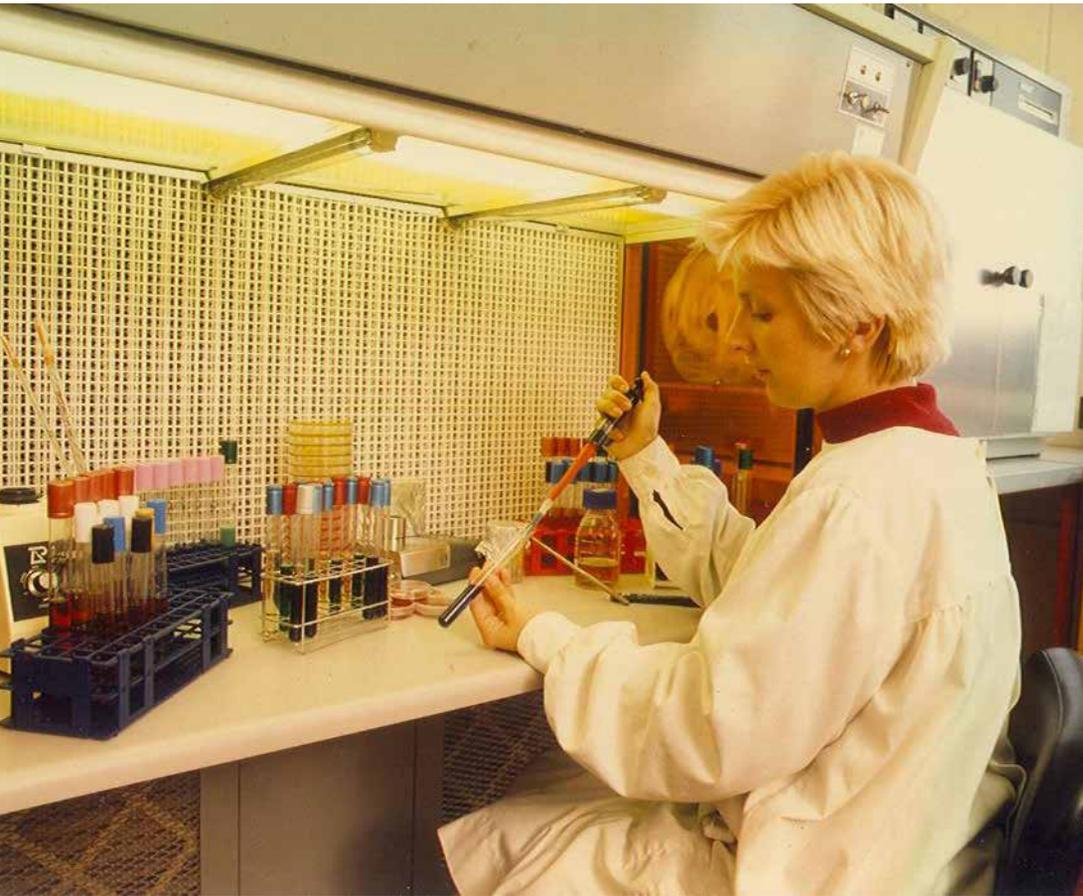
Todavia, também existem situações das quais se orgulha. Cândida Barroso refere a execução do Programa Ciência, que equipou os laboratórios e o Horto da então Unidade de Ciências e Tecnologias Agrárias, e o Programa de Desenvolvimento Educativo em Portugal, mais conhecido por PRODEP de Qualidade, tendo sido este o “último grande projeto para a melhoria da qualidade do ensino”. A ambos os projetos foi atribuído público louvor à UAlg pela “excelente execução e bom aproveitamento de dinheiros públicos”.

Comparando passado e presente, a jurista afirma que a Academia algarvia “cresceu muito em 40 anos”, salientando as suas “notáveis instalações”, o “conjunto de trabalhadores de grande qualidade”, a “razoável estabilidade” e o reconhecimento internacional. Relativamente ao futuro, Cândida Barroso acredita que o bom desempenho, a nível profissional, dos diplomados da UAlg poderá ajudar a demonstrar a qualidade da Instituição, quer em termos nacionais, quer internacionais. Mas, por outro lado, mostra-se receosa, pois, na sua opinião, a Universidade “ainda não conseguiu, através da procura de fontes alternativas de receitas, ultrapassar os constrangimentos financeiros a que tem sido sujeita”.

“Acompanhar o nascimento e crescimento duma instituição durante 36 anos, deixa marcas, tem de deixar”, revela Cândida Barroso, acrescentando que “o que está feito foi fruto de boas vontades, sacrifícios e teimosia de muita gente, especialmente de uma equipa na qual eu, com muito orgulho, me incluo, que nunca desistiu face às contrariedades e desilusões”. A terminar, confidencia: “desejo o melhor para a Universidade, que gostaria de recordar como a minha Instituição”.

UALG VINTAGE 90/99







UALG VINTAGE 90/99



2000/2009

INVESTIGAÇÃO

2000

- > Inauguração da Biblioteca do *Campus* de Gambelas

2001

- > Reitor Adriano Gomes Pimpão é eleito Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP)

2002

- > Criação da Rádio Universitária do Algarve (RUA FM)

2003

- > Criação da Escola Superior de Saúde e integração da Escola Superior de Enfermagem de Faro.
- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a António Ramos Rosa

2004

- > Criação do Centro de Electrónica, Optoelectrónica e Telecomunicações (CEOT)
- > Criação do Centro de Investigação em Biomedicina (CBMR)
- > Criação do primeiro mestrado *Erasmus Mundus* - Gestão da Água e da Costa
- > Realização do primeiro Concurso de ideias

2006

- > Eleição do Reitor João Guerreiro

2007

- > Criação do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC)
- > Criação do Centro de Investigação sobre Espaço e Organizações (CIEO)
- > Registo da primeira patente

2008

- > Reformulação dos Estatutos da Universidade do Algarve
- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a Manoel Cândido Pinto de Oliveira
- > Criação do Mestrado Integrado em Medicina

2009

- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a António Borges Coelho



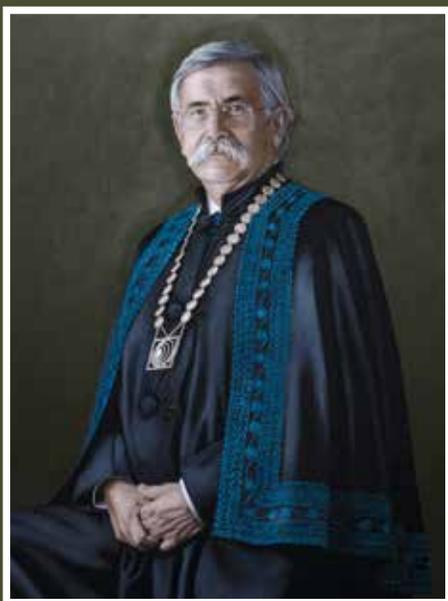


A importância da ciência para a sociedade é inquestionável, e revela-se fundamental para o seu desenvolvimento.

Durante o período 2000-2009, a UAAlg assistiu a uma grande evolução relativamente à percentagem de partilha de produção científica. Nesta época foram criados vários centros de investigação. Foi também criada uma Unidade de Apoio à Investigação, vocacionada para o apoio técnico e administrativo às Unidades de Investigação e de Desenvolvimento e às Unidades Orgânicas da Universidade nas suas atividades de investigação e desenvolvimento (I&D) e formação pós-graduada.

A nível nacional, com a criação da Fundação para a Ciência e Tecnologia e com Mariano Gago como ministro da Ciência e da Tecnologia, consolidou-se a autonomia do campo da ciência portuguesa, criando-se o «Programa Ciência» e outras iniciativas como a «Unidade de Missão Informação e Conhecimento».

A UAAlg, através das suas várias linhas de investigação, também soube projetar-se, tornando-se uma referência a nível nacional e internacional em áreas como as Ciências da Terra, do Mar e do Ambiente; Ciências Básicas e da Engenharia; Ciências e Tecnologias da Saúde; e Turismo. Atualmente, compromete-se com os objetivos definidos na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, no contexto da Organização das Nações Unidas (ONU). Ao tentar responder a grandes questões e aos desafios importantes do quotidiano, a ciência potencia o conhecimento, a educação, a sustentabilidade e a qualidade de vida das pessoas, reduzindo desigualdades e construindo pontes.



JOÃO GUERREIRO

REITOR
2006 a 2013

A minha ligação com a Universidade do Algarve começou em 1986, quando me candidatei a um concurso aberto para assistente estagiário. Estava a terminar a tese de mestrado e fazia o meu trabalho de campo em Miranda do Douro (Bragança). O concurso da UAlg surgiu num momento em que também colocava a possibilidade de me fixar em Trás-Os-Montes. Mas a opção pelo sul, onde aliás estavam as minhas raízes familiares, saiu vencedora!

Após o mestrado, o percurso académico, incluindo o grau de doutor e o título de agregado, foi realizado na Universidade do Algarve.

Pertenci, no período final, à equipa reitoral do Professor Adriano Pimpão, como Pró-Reitor para a Transferência de Tecnologia e Inovação. Dessa altura ficaram várias recordações, sendo a mais importante a organização da "Feira de Inovação", que teve lugar no NERA e que permitiu dar pública informação do que se fazia na Universidade no domínio da investigação científica e da inovação.

O "estágio" como Pró-Reitor abriu a porta para que, em 2006, me candidatasse a Reitor.

O primeiro mandato foi marcado pela discussão e aprovação do RJIES (Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior). Na sequência desta aprovação, as instituições de ensino superior tiveram de rever e adaptar os seus Estatutos,

processo que obrigou à constituição de uma assembleia estatutária, com a inclusão de elementos externos à Universidade. Uma novidade!

Aprovados os Estatutos e reunido o primeiro Conselho Geral, apresentei ao Conselho a minha demissão. As mudanças na lei de enquadramento das instituições de ensino superior, na minha opinião, obrigavam a um processo de renovação da legitimidade institucional do Reitor. Voltei a candidatar-me e a segunda eleição ocorreu meses depois, já com o Conselho Geral a funcionar em pleno. Se na primeira eleição o colégio eleitoral (Assembleia da Universidade) era composto por cerca de 180 elementos da academia, neste novo ciclo a eleição dependia do voto de apenas 35 elementos, dos quais 10 eram personalidades exteriores à Universidade. Uma mudança significativa!

Neste período, gostaria de evocar os aspetos que considero que foram determinantes na atividade da reitoria. Uma abertura ao exterior, fomentada pela Equipa reitoral e traduzida em diversas iniciativas, das quais a mais importante terá sido a criação do CRIA. Entidade híbrida, dependendo no seu início diretamente da Reitoria, foi-se afirmando com um papel central nas relações da Universidade com a região, principalmente com empresas, fomentando igualmente a presença da UAlg (e dos seus investigadores) em diversos *fora* internacionais.

A criação do curso de Medicina, processo iniciado pela anterior reitoria, culminaria no meu primeiro mandato com a sua instalação, após uma avaliação externa positiva em relação à proposta apresentada. A novidade da estrutura deste curso, a que se associava um processo inovador de seleção dos candidatos, impulsionou uma nova área científica na Universidade e criou sólidas raízes que impedirão, no futuro, qualquer veicidade de retrocesso. Mas a instalação deste curso gerou oposição dos estudantes das faculdades portuguesas de medicina, da Ordem dos Médicos, dos próprios médicos, sempre desconfiados com a mudança e descrentes das inovações que o curso introduziu.

A aposta na investigação científica, a melhor estruturação dos Centros de Investigação e dos Centros de Estudos e Desenvolvimento, a multiplicação dos eixos de cooperação entre os investigadores e o contexto exterior, o debate de um novo modelo de doutoramento e o equilíbrio do financiamento foram temas que estiveram sempre presentes nas estratégias da reitoria.

Neste domínio poderei ainda sublinhar o debate que se lançou para a determinação de Áreas Âncora da Universidade. Tratou-se de identificar as áreas temáticas nas quais a Universidade conseguia reunir atividades de excelência nos domínios da investigação, da formação e da transferência. O princípio adotado partia da impossibilidade da UAlg, com a dimensão que tinha (que tem), de investir em todas as áreas científicas, pelo que deveria identificar os seus eixos de excelência e apostar seriamente neles. A definição das Áreas Âncora gerou um debate interno participado e muito interessante, enquadrando essa definição a partir de quatro "condimentos" básicos: problemas sociais que afetam as comunidades humanas no planeta; estratégia da União Europeia e respetivas prioridades na área da produção de conhecimento; exploração dos principais setores da região, entendida esta como laboratório de proximidade; e, naturalmente, o potencial instalado no seio da própria Universidade. A identificação das Áreas Âncora deveria ter um impacto principal ao nível da investigação, das pós-graduações e da seleção mais fina dos nossos parceiros externos (nacionais e estrangeiros). Contudo, a estratégia da formação transversal de carácter básico, afetando as licenciaturas, deveria manter-se ou até reforçar-se.

O futuro da Universidade do Algarve depende das iniciativas dos membros da sua comunidade, da intensidade da investigação científica, da capacidade de atrair segmentos crescentes dos estudantes não tradicionais e do nível de internacionalização que conseguir assegurar, sobretudo na organização de ciclos de estudo e de projetos I&D conjuntos. Depende também da capacidade de liderança das diversas estruturas orientadas para incentivar e promover os respetivos eixos de trabalho. As características da região do Algarve favorecem este quadro, através do seu cosmopolitismo, das suas fortes ligações com o exterior, do seu clima convidativo e da excelente qualidade de vida. Por isso a escolha feliz encontrada para o lema da Universidade: "Estudar onde é bom viver".

João Guerreiro



OPINIÃO

Guilherme d'Oliveira Martins

Os quarenta anos da Universidade do Algarve merecem uma especial atenção e pessoalmente invoco o acontecimento com um gosto e uma honra que muito me aprazem. Sensibilizou-me muito o pedido do meu testemunho pelo Professor Doutor Paulo Águas, a quem agradeço. E lembro antes do mais a memória do primeiro Reitor Professor Doutor Manuel Gomes Guerreiro, que bem conheci, cujo centenário do nascimento ocorre neste ano, e que é uma referência fundamental na História da Educação em Portugal.

A minha relação com a Universidade do Algarve teve diversos momentos para mim muito marcantes, que nunca esquecerei – desde o acompanhamento da valorização da instituição na ação social escolar, na biblioteca e centro de documentação, nos domínios científico e tecnológico e na componente pedagógica.

Como antigo Ministro da Educação lembro os contactos muito frutuozos que tive com a Universidade, em especial com o Professor Doutor Adriano Gomes Pimpão. Posteriormente, os Professores Doutores João Guerreiro e António Branco tiveram uma intervenção muito relevante na sequência do meu trabalho no Conselho da Europa que deu lugar à aprovação da Convenção-Quadro sobre o valor do Património Cultural na Sociedade Contemporânea (Convenção de Faro de outubro de 2005, entrada em vigor em junho de 2011). Devo dizer, assim, que a Universidade do Algarve tem estado na primeira linha da defesa de tão importante instrumento de Direito Internacional. Por outro lado, no Ano Europeu do Património Cultural (2018) mereceu especial referência a participação do Algarve e dos seus cientistas e cidadãos nesse domínio, designadamente com o projeto em curso do Geoparque, com um âmbito regional e uma importância científica com repercussões significativas no mundo científico além-fronteiras.

Não esqueço um outro momento simbólico, quando participei na Universidade do Algarve, em 2017, na celebração da Convenção de

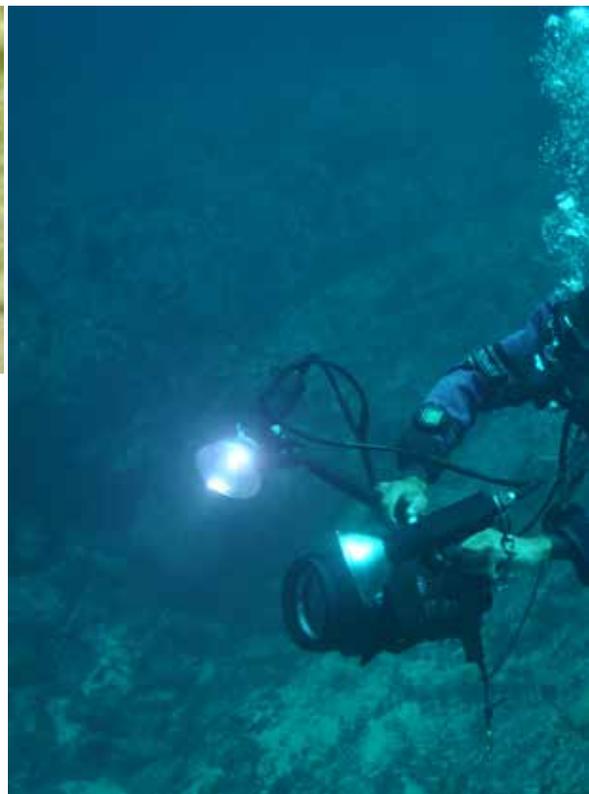


Badajoz, firmada em 16 de fevereiro de 1267, entre o rei Afonso X, o Sábio (poeta maior do galaico-português, origem do nosso idioma), e o nosso Afonso III, que sucedeu a seu irmão D. Sancho II. O rei de Portugal cedeu então qualquer direito sobre os territórios entre o Guadiana e o Guadalquivir e as terras de Aroche e Aracena – estabelecendo-se que da confluência do rio Caia à foz do rio Guadiana ficava fixado o limite da fronteira entre os domínios dos dois monarcas. Afonso X renunciou assim definitivamente ao reino do Algarve, ordenando que se fizesse a entrega imediata ao rei de Portugal dos castelos à guarda dos seus lugares-tenentes. Assim nasceu o Portugal que conhecemos, só faltando incorporar no reino a comarca de Riba Coa para que ficasse definitivamente regularizada a fronteira que D. Dinis estabeleceria em Alcanizes (1297), ainda hoje em vigor. O conflito entre Afonso X e Afonso III começou a ser dirimido depois do casamento do rei de Portugal com D. Beatriz, filha do rei de Castela (1253), sendo o casamento com a condessa de Bolonha, D. Matilde, anulado. É certo que ainda em 1254 Afonso III protesta contra os atos unilaterais de Afonso X em território algarvio, quanto à posse de Lagos, Albufeira, Faro, Tavira e Silves. O Papa Alexandre IV,

ciente de que este conflito era pernicioso para a cristandade e para a Reconquista, apelou a um acordo efetivo entre os monarcas. Afonso X continuaria a considerar-se Senhor feudal do Algarve, ficando a Afonso III atribuído o domínio do território. Em 1261, nasceu o futuro rei D. Dinis, e em 1263 foi nomeada uma comissão para tratar das fronteiras. Em 1264, Afonso X cedeu às pretensões portuguesas e atribuiu os seus direitos a seu neto D. Dinis, por ser de seu sangue, estabelecendo uma contrapartida de cinquenta lanças. Essa solução permitiu a celebração da Convenção de Badajoz e a integração do Algarve no reino de Portugal. A antiga taifa de Niebla ficou, assim, dividida pelo rio Guadiana, cabendo ao rei de Portugal, o Algarve. D. Dinis sucedeu a seu pai (1279) continuando a orientação centralizadora bem como a redução dos poderes senhoriais, e definindo a fronteira e a língua. Quando hoje recordamos os acontecimentos que determinaram a junção dos reinos de Portugal e do Algarve, invocamos um momento crucial que garantiu a consolidação jurídica e política do reino. E nada melhor do que a Universidade do Algarve para assinalar esse momento, ilustrando a vivência do Património Cultural como realidade viva e não de um tempo passado.

Adelino Canário

CENTRO DE CIÊNCIAS DO MAR



É imperativo falar de Adelino Canário quando se fala de investigação na Universidade do Algarve. Licenciou-se em Biologia, na Universidade da Lisboa, curso que escolheu por influência da revista Fauna e de Jacques Cousteau. Chegou à Academia algarvia em fevereiro de 1983 e atualmente é professor catedrático da Universidade do Algarve (UAlg), diretor do Centro de Ciências do Mar (CCMAR) e vice-presidente do “European Marine Biological Resource Centre” (EMBRC-ERIC), uma nova infraestrutura europeia de investigação em Ciências Marinhas.

Revivendo Portugal em meados da década de 80, conta que “o único centro de investigação de renome era a Fundação Calouste Gulbenkian e tudo o resto eram entidades que não faziam muito”. Voltando às origens da Universidade do Algarve, relembra que na altura um dos grandes desafios era ao nível dos recursos humanos, porque as pessoas que tinham sido contratadas tinham-se licenciado há pouco tempo e era necessário investir na sua formação. Nesse aspeto, “o primeiro Reitor, professor Gomes Guerreiro, foi bastante visionário e incentivou-nos a tentar ir para o estrangeiro fazer o doutoramento”. E foi o que Adelino Canário fez. “Procurei arranjar uma bolsa, naquela época ainda não existiam as da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), não era a FCT que conhecemos hoje, aliás a que se conhece atualmente começou basicamente em 1987, quando o professor Mariano Gago foi para a direção e provocou uma série de alterações.”

Na altura, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) oferecia bolsas para técnicos. E foi assim que Adelino Canário conseguiu ir para Londres, para o Laboratório de Pescas do Ministério da Agricultura, Pesca e Alimentação do Reino Unido, em Lowestoft. Como consequência desta sua deslocação,



surgiu o primeiro artigo internacional publicado pela Universidade do Algarve, em 1987, resultado da investigação realizada em 1984, comparando o consumo de oxigénio em linguados em substrato arenoso e em substrato sem areia. Tendo tomado a decisão de ficar pelo Reino Unido para prosseguir o seu doutoramento, voltou a obter uma bolsa da OTAN. Entre 1985 e 1989 doutorou-se em Biologia, na Universidade de East Anglia, em Norwich, com uma tese sobre as hormonas da reprodução de peixes marinhos. A sua investigação tem-se centrado desde então

no estudo das hormonas, do comportamento e da comunicação em peixes.

Continuou a acompanhar o desenvolvimento da Universidade, onde voltava ocasionalmente, inclusive assistiu à integração do Politécnico com a Universidade. Embora considere que os objetivos têm de se manter separados, não vê qualquer problema “na fusão de instituições, sobretudo quando se fala de subsistemas de ensino”. Defende ainda que, “assim como as universidades, também os politécnicos têm



um papel muito importante". Crê que "esta fusão não foi negativa, antes pelo contrário, acho que é uma forma de aumentar a eficiência da gestão, desde que as lideranças sejam suficientemente capazes de levar os objetivos de cada subsistema a bom porto".

No que diz respeito à investigação, Adelino Canário conta que a atribuição de financiamento competitivo para projetos de investigação em Portugal aconteceu em 1987 com o Programa Mobilizador de Ciência, promovido pela FCT. A UAlg também beneficiou nessa altura de financiamentos locais, como o Plano Integrado de Desenvolvimento e Ordenamento da Ria Formosa, e outros com o apoio da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve (CCDR Algarve).

Depois surgiram os primeiros programas europeus. "Destes recorde-me dos coordenados pela professora Lucília Coelho e pelo professor Emygdio Cadima. Também nessa altura conseguimos, com a professora Deborah Power, o primeiro projeto europeu coordenado pela Universidade do Algarve".

Sobre o aparecimento dos primeiros centros de investigação e sobre o seu financiamento explica que "foram uma decisão do governo". Na década de oitenta existia o Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), que pertencia ao Ministério da Educação, e a Universidade do Algarve, por ser relativamente recente, não tinha centros, nem uma tradição de financiamento

do INIC, embora recebesse um pequeno financiamento sobretudo para participações em conferências.

Mas, aponta, "os centros começam de facto com o Programa Ciência, que foi um programa de financiamento de equipamentos e infraestruturas, lançado em 1991, e a regra era que o financiamento seria atribuído a centros ou a institutos (que no máximo poderiam integrar três centros)". O CCMAR concorreu a este programa, tendo o projeto sido aprovado em 1993 (construção da estação do Ramalhete). "Digamos que este foi o começo, mas na realidade o marco importante foi em 1995, quando Mariano Gago se tornou ministro da Ciência, trouxe avaliadores internacionais para avaliarem os centros e criou o financiamento plurianual." Na sua opinião, "ai é que começou a ser a sério!". Sobre a criação do CCMAR, recorda que "na altura do Programa Ciência, em Portugal a ciência estava um pouco incipiente, sobretudo na área do Mar, o que havia era uma série de capelinhas". Ora, a Fundação para a Ciência e Tecnologia disse: "ou vocês se entendem ou não há dinheiro para o Mar". Desse episódio, relembra, "passamos vários dias numa sala na FCT a discutir e a entendermo-nos minimamente, ao ponto de termos entrado na reunião com a ideia de criar um instituto ligado ao mar (com três centros) e termos saído com a decisão de avançar independentemente com o CCMAR". Hoje é perentório em afirmar que esta opção "foi uma boa decisão".

Decidiram então recrutar portugueses que estivessem no estrangeiro e conseguiram trazer investigadores dos Estados Unidos da América, da Noruega e de muitos outros países. Logo, "gente com uma noção muito grande do que era a ciência e do que esta implicava, o que nos tornou bastante fortes, até porque atualmente a área do Mar é quase 50% do que se faz na Universidade do Algarve, quer em termos de capacidade de angariação de financiamento, quer em termos da produção científica".

Se, no início, o CCMAR era um centro de investigação integrado na Universidade do Algarve, atualmente é uma associação sem fins lucrativos. No entanto, Adelino Canário considera que "o CCMAR continua a ser da Universidade do Algarve". É um dos principais centros de investigação em Ciências Marinhas em Portugal, reunindo investigadores das áreas da Biologia Marinha, Ecologia, Oceanografia, Ciências Ambientais, Biotecnologia, Pescas e Aquacultura.

Hoje, tem a certeza de que se não se tivessem tornado autónomos, "o CCMAR seria um décimo daquilo que é, porque é impossível

funcionar de forma eficaz debaixo das regras que existem nas universidades". Considera ainda que a forma como "os centros têm de funcionar é completamente diferente, mas isto passa-se ao nível geral das universidades portuguesas e, se queremos ser uma instituição líder, temos de saber trabalhar para isso e funcionar como tal".

Sobre a trajetória seguida pela investigação, considera que "em Portugal o crescimento tem sido mais ou menos constante, embora o pico da importância da Universidade do Algarve, relativamente ao resto do País, isto é, a percentagem de partilha de produção científica, se tenha dado por volta de 2003". Mas, o investigador esclarece que "em geral, a Universidade continua a crescer, mas outras instituições crescem mais rapidamente e mais do que há uns anos".

Adelino Canário percebe que a Universidade está afastada dos grandes centros urbanos e que "para captar alunos é necessário fazer dez vezes mais trabalho do que outras universidades". Defende que, pelo exposto, "tem de conseguir chegar mais longe do que outras universidades, não pode preocupar-se só com o Algarve".

Olhando para trás, o docente considera que a UAlg "deve estar orgulhosa por ter atingido alguns objetivos importantes", mas, também sabe que há muitos que estão longe de ser alcançados. Refere ainda que "é preocupante a diminuição da influência da UAlg no panorama nacional, pelo que é necessário uma nova dinâmica e maior envolvimento de todos para melhorar".

A terminar, previne que "um dos problemas que a Universidade tem, e que o CCMAR potencialmente pode ter, prende-se com os recursos humanos, porque é essencial recrutar constantemente pessoal mais novo". Ainda falando de recrutamento, "por vezes há uma maior preocupação em satisfazer a burocracia do que em contratar os melhores e este devia ser o principal critério".

Com uma equipa multidisciplinar de cerca de 250 investigadores científicos, acredita que o centro "continuará a crescer, com um grau de sucesso relativo".

Amadeu Cardoso

PRIMEIRO ADMINISTRADOR DOS SERVIÇOS DE AÇÃO SOCIAL



Os Serviços de Ação Social (SAS) são um setor fundamental de uma instituição de ensino superior. Amadeu Cardoso foi o primeiro administrador dos SAS na Universidade do Algarve, função que ocupou durante 30 anos.

Atualmente, os Serviços de Ação Social têm ao dispor dos estudantes mais de 600 camas, distribuídas por 15 residências universitárias, três refeitórios, dois *Grill*, seis bares e um restaurante universitário. Mas, nem sempre assim foi. "Foi graças à dedicação e ao trabalho inestimável de muitos companheiros que conseguimos chegar até onde hoje estamos", afirma o antigo administrador dos SAS.

Amadeu Cardoso chegou à UAlg no início da década de 80 e o seu primeiro contacto foi com o então Reitor, Manuel Gomes Guerreiro. Na Instituição desenvolveu diversas funções, tendo começado a sua atividade nos Serviços de Documentação e Informação, que englobavam a biblioteca e a reprografia. Fez correções tipográficas das publicações do Reitor, representou a Universidade em vários eventos e participou na criação da Hemeroteca Dr. Mário Lyster Franco. "Os herdeiros doaram, à Universidade, o seu espólio e coleção de

jornais, pelo que foi necessário trabalhá-los e ordená-los, eram centenas", recorda. Foi também coordenador de diversos cursos de extensão universitária.

Nos primeiros tempos, Amadeu Cardoso lembra que, por incumbência do Reitor, participou naquelas que viriam a ser as primeiras representações externas da Academia algarvia. A primeira, na FATACIL, em Lagoa, e a segunda na FIL, em Lisboa. "Estávamos a sair do nosso mundo para nos darmos a conhecer ao exterior", revela, salientando que "era necessário divulgar a nossa marca, sendo que muitos se esqueciam que o Algarve era Portugal e tinha uma ilustre Universidade."

Recordando os primórdios da Academia, o antigo administrador dos SAS da UAlg confidencia que teve o privilégio de "ver crescer esta Instituição, que passou por dificuldades a todos os níveis, mas que com o líder que tínhamos, professor Manuel Gomes Guerreiro, e com o esforço e união de todos, conseguimos ser, com orgulho, o que hoje somos". Acreditando que os estudantes são "a razão da nossa existência", Amadeu Cardoso lembra os primeiros alunos, que, na sua opinião, foram "autênticas cobaias" e sofreram um pouco "as consequências do pioneirismo" e deixa-lhes uma palavra: "Parabéns, foi também graças à vossa heroicidade que hoje somos o que somos."

Foi a 11 de novembro de 1985 que Amadeu Cardoso, então com 28 anos, recebeu um telefonema do Reitor a solicitar a sua presença na Reitoria. Ai, foi-lhe dada a novidade: haviam sido criados, por Decreto do Governo, os Serviços Sociais da Universidade do Algarve. Mas, agora, era necessário implementá-los. "Respondi que não seria difícil, sendo que havia muita gente capaz de o fazer", no entanto, o líder da Academia disse-lhe que, no seu entender, "essa pessoa era eu".

Aceite o convite, era tempo de começar a trabalhar e, não tendo nada, começou-se do zero, mas, no espaço de um ano, muito se fez. A primeira grande prioridade foi "arranjar um sítio onde os nossos

estudantes pudessem fazer as suas refeições e isso veio a acontecer na Casa dos Rapazes, através de um protocolo assinado entre o Reitor e o diretor dessa Casa", recorda Amadeu Cardoso. O passo seguinte foi criar condições para que os alunos da UAlg pudessem beneficiar de bolsas de estudo e, ainda com o orçamento de 1985, os SAS foram capazes de adquirir dois espaços para alojamento de estudantes.

Já em 1986 foi criado o primeiro bar, ainda na Casa dos Rapazes, e deu-se início ao projeto para a construção da residência na Rua de Berlim, "a primeira residência no País composta exclusivamente por quartos individuais".

Paralelamente à evolução em termos de alojamento, bolsas e alimentação, os SAS dinamizaram outras iniciativas em prol dos estudantes. Dessas, Amadeu Cardoso salienta a criação dos Serviços Médicos e de apoio psicológico, que ainda hoje auxiliam os estudantes da UAlg, os projetos transfronteiriços «Stop Drogas» e «Vive», destinados a formar os alunos na área das dependências, o projeto «Tu decides» e os rastreios HIV/SIDA, estes últimos ainda em funcionamento.

Dos tempos enquanto administrador dos SAS da UAlg, Amadeu Cardoso admite que, apesar de tudo parecer simples, é "puro engano", salientando que "tudo o que foi feito, não foi feito por mim, foi feito por uma maravilhosa equipa que me acompanhou, uns heróis, que, acreditando em mim, seguiram as minhas ideias e decisões, porque eu também os segui".

Após 30 anos de luta e dedicação, em 2015, Amadeu Cardoso terminou as suas funções como administrador dos SAS e atualmente exerce funções de apoio na administração da Universidade do Algarve.

Acreditando que "hoje estamos consolidados e a crescer", o antigo administrador dos SAS vê a evolução da Academia algarvia como "positiva", apesar dos altos e baixos, que "com imaginação temos superado". Já o futuro, entende que será "auspicioso", desde que "saibamos olhar para a Instituição como um todo e não repartida por quintais".

Maria Augusta Ferreira

INTEGRAÇÃO DA ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM



Em 2003, onze anos após a integração do Instituto Politécnico de Faro na Universidade do Algarve, a Academia algarvia voltou a integrar na sua estrutura uma nova instituição: a Escola Superior de Enfermagem de Faro. Esta integração, que surgiu em simultâneo com a criação da Escola Superior de Saúde, trouxe o curso de enfermagem até à UAlg, alargando, assim, a oferta formativa na área da Saúde.

Maria Augusta Ferreira, enfermeira e docente da antiga Escola Superior de Enfermagem de Faro desde 1987, vivenciou todo o processo de integração e as mudanças que com ele ocorreram. Para a docente, esse foi "um momento de muita esperança no futuro, já que se perspectivavam ganhos", embora houvesse, obviamente, "alguma apreensão pelo desconhecido".

Apesar de esse ter sido um período de adaptação e reorganização, Maria Augusta Ferreira recorda a integração como um "processo tranquilo", acreditando



que "estávamos preparados para a mudança. Com o decorrer do tempo verificámos que o ensino que praticávamos era exigente e de qualidade".

Recordando o ano de 2003, a docente acredita que, nesse período, "a Instituição estava bem alicerçada e bem consolidada" e o contacto com outras vertentes de formação na área da Saúde "trouxe um grande desafio à nova organização e um crescendo de saberes interdisciplinares".

Atualmente, como no passado, a proximidade com os estudantes e com os profissionais e as organizações de saúde constitui, na opinião da atual subdiretora da Escola Superior de Saúde, uma mais valia no processo de ensino aprendizagem, tornando possível uma melhor compreensão das necessidades de saúde da região e proporcionando, assim, um ensino mais contextualizado e atualizado.

Pensando no futuro, e tendo em conta o potencial de crescimento e a excelência da Instituição, Maria Augusta Ferreira projeta a UAlg como uma Academia que será, cada vez mais, capaz de formar profissionais que colmatem as necessidades da região, proporcionando um ensino de referência a nível nacional e internacional, nomeadamente na área da Saúde.

Mestre em Ciências da Educação e doutorada em Psicologia, a docente encara o futuro da UAlg com otimismo: "perspetivo, assim, uma Universidade cosmopolita onde para além de ser bom estudar, também é bom ensinar e investigar".

Nuno Mourão Carvalho

10 ANOS DE MEDICINA NA UALG

O Mestrado Integrado em Medicina (MIM) da UAlg comemora este ano o seu 10.º aniversário. Desde a primeira edição, formou mais de 250 médicos, contribuindo para um aumento progressivo de médicos fixados na região. Dos médicos formados e a realizar a especialidade, mais de um terço decidiram ficar no Algarve. É o caso de Nuno Mourão Carvalho que atualmente se encontra no Centro Hospitalar Universitário do Algarve, no penúltimo ano de Medicina Interna.

Originário da pequena vila de Torre de Moncorvo, recorda que quando completou 18 anos foi estudar Cardiopneumologia para o Porto. "Fazia lá investigação e trabalhava em dois serviços de cardiologia, tinha uma vida tranquila, numa cidade muito interessante, dinâmica e em crescimento", recorda. Teve várias oportunidades para concorrer a Medicina, mas não se imaginava num curso clássico. Entretanto, um dia, ao ler um artigo num jornal, tomou conhecimento do curso na UAlg. "Reparei que na fotografia estava uma aluna que tinha sido minha colega no meu primeiro curso e contactei-a para saber como era e como estava a funcionar", lembra. "Ela estava deslumbrada com o projeto, com a entrega dos professores e com o lado inovador do curso." Mourão Carvalho resolveu vir conhecê-lo e constatou que "realmente era visionário". Citando o grande impulsionador do curso, José Ponte, refere que este "teve muito cuidado em escolher para o primeiro grupo de professores pessoas muito especiais, quer pelas suas competências, quer pelas suas capacidades humanas, algo que é considerado fundamental para uma boa formação médica".



Sobre o processo de seleção e a sua entrada no MIM, menciona: "achei extremamente difícil, muito mais do que entrar em qualquer outro curso, em que apenas se utiliza a nota de um exame, que testa capacidades muito limitadas". Já as que são testadas neste método de seleção "abrangem um maior número de qualidades, mais focadas na Medicina", referencia. "Começa-se logo na primeira fase, não só com a avaliação curricular, mas também com a experiência profissional e de voluntariado, que são importantíssimas para o nosso crescimento pessoal". Assim, constata, "logo à partida selecionam-se pessoas que já se confrontaram com essa experiência de vida, com algum grau de maturidade para aprender a Medicina". Depois, "na segunda fase de seleção são realizados testes psicotécnicos para avaliar uma série de capacidades como o raciocínio lógico e matemático, interpretação de linguagem, de Português e língua inglesa. Recorda-se especialmente da terceira fase, composta por 12 mini entrevistas, vários cenários, e o confronto com situações muito diferentes. "Foi uma experiência muito intensa e exigente, mas mesmo que não tivesse sido selecionado, tinha sido uma grande aprendizagem."

O MIM da UAlg tem uma vertente marcadamente humana. "Posso dizer que em todos os trabalhos os alunos são estimulados e não se limitam aos conhecimentos técnicos,



têm de compreender que o doente não é apenas o órgão ou a doença que se avalia, é a pessoa no seu todo", contextualiza. Para Nuno Mourão Carvalho, quando se estabelece contacto com essa pessoa é necessário fazê-la sentir-se segura, essa é uma das funções de um médico. "Numa situação de fragilidade, vamos querer que o profissional que vem ter connosco nos faça sentir seguros e respeitados, portanto esse aspeto humano é a filosofia do nosso curso e uma parte muito importante do ensino médico na UAlg."

Referindo-se aos métodos de ensino do MIM, considera que são os mesmos que são usados nas melhores escolas do mundo. "Isto é quantificável, nós fizemos a acreditação pela Associação Europeia de Educação Médica e confirmámos, mais uma vez, que esses são os mais utilizados e os mais defendidos para o ensino médico a nível mundial." Como características inovadoras realça o "Módulo de Escolha do Estudante", que pretende incentivar os alunos a participarem em atividades de investigação e fomentar a participação ativa na comunidade onde se inserem; e a estrutura curricular, que promove a prática clínica logo desde o início do curso, favorecendo a proximidade e o contacto direto e humano com o doente.

Sobre a importância deste curso para a região, Mourão Carvalho exemplifica: "cerca de 30% dos médicos aqui formados ficam na região e eu sou exemplo disso". Este transmuntano refere ainda que na hora de escolher a especialidade, o Algarve falou mais alto, "apesar de haver vagas em vários pontos do País, noutras instituições que já conhecia, inclusive mais perto da minha família, decidi abdicar de tudo isso por uma única razão: esta Universidade". E, prossegue, "foi a Universidade que me fez ficar no Algarve e que fixou mais um médico nesta região".

Ciente de que a falta de algumas especialidades pode ser uma grande limitação para outros médicos que queiram permanecer na região, considera que o Centro Hospitalar Universitário do Algarve tem algumas carências, quer económicas, quer relacionadas com o esquecimento do poder central por estar numa zona periférica. Contudo, reconhece que a UAlg, neste momento, está a ser o maior contributo que a região podia receber a nível da Medicina. "A Universidade está a cumprir rigorosamente o seu papel na região, forma, fixa e atrai médicos de outras regiões, portanto

é uma influência excelente na Saúde." Dos 43 médicos formados e colocados no Algarve, 49% optaram pela especialidade de Medicina Geral e Familiar e 51% por outras especialidades como Medicina Interna, Medicina Física e Reabilitação, Oncologia Médica, Psiquiatria, Saúde Pública, Anestesiologia, Cardiologia, Gastroenterologia, Neurocirurgia, Pediatria, Pneumologia, Radiologia e Urologia.

Do ponto de vista profissional, Nuno Mourão Carvalho revela que "a Educação Médica é uma das suas paixões, já do ponto de vista clínico é a Medicina Interna, na área dos diagnósticos". Bem ao jeito do Dr. House, contacta com doentes com diagnósticos difíceis, o que é bastante desafiante, e tem um fascínio enorme pela área da urgência e da emergência. "Trabalho no Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM) há alguns anos, em viatura médica e, desde o ano passado, faço também o helitransporte, o que é interessantíssimo porque vamos aos lugares mais recônditos da região resgatar doentes e vítimas de acidentes ou então levamos os que não conseguimos tratar na região para outros centros hospitalares do País". É um apaixonado por aquilo que faz porque o MIM da UAlg, além do saber científico que lhe proporcionou, preparou-o para fazer a diferença, e é isso que o move todos os dias!





2010 / 2019

INTERNACIONALIZAÇÃO

2010

- > Criação da Unidade de Apoio à Investigação Científica (UAIC)
- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a Daniel Pauly
- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a Emygdio Cadima
- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela)
- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a Lúcia Guerreiro Jorge

2011

- > Criação do Centro Interdisciplinar de Arqueologia e Evolução de Comportamento Humano (ICArEHB)
- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a Wei Zhao
- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a André Jordan
- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a Taleb Rifai
- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a João José Pedroso de Lima

2012

- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a Peter Nijkamp

2013

- > Criação do Centro para os Recursos Biológicos e Alimentos Mediterrânicos (MEDITBIO)
- > Eleição do Reitor António Branco

2014

- > Ao abrigo do Estatuto de Estudante Internacional, a UAIG passou a receber candidatos internacionais para frequentar integralmente licenciaturas e mestrados integrados

2015

- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a António Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa

2016

- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a Mário Ruivo

2017

- > Eleição do Reitor Paulo Águas

2018

- > Atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* a Joaquim Antero Romero Magalhães

2019

- > Atribuição da medalha de mérito da Universidade do Algarve à Assembleia da República





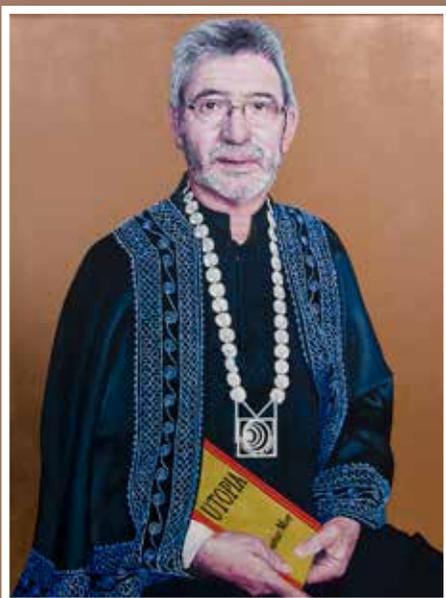
A Universidade do Algarve (UALg) tem atualmente cerca de 8 mil alunos, 20% dos quais internacionais, oriundos de mais de 80 nacionalidades, onde se destacam os estudantes vindos do Brasil.

Com 40 anos de existência, a UAlg aparece pela primeira vez no ranking do Times Higher Education (THE) Young University Rankings 2018, que analisa o desempenho de instituições de ensino superior criadas há 50 anos ou menos. Entre as seis universidades portuguesas que integram este ranking internacional, a UAlg obtém a classificação máxima no indicador que avalia a projeção internacional. Depois de integrar, pelo segundo ano consecutivo, o ranking mundial das universidades, de acordo com os resultados disponibilizados pelo Times Higher Education (THE), a UAlg integra ainda a lista das melhores do mundo no Shanghai Ranking's Global Ranking of Academic Subjects 2018.

A UAlg oferece mais de 170 cursos de formação inicial e pós-graduada, nas suas diversas áreas de formação: Artes, Comunicação e Património; Ciências Sociais e da Educação; Ciências e Tecnologias da Saúde; Ciências Exatas e Naturais; Economia, Gestão e Turismo; Engenharias e Tecnologias.

Atenta à Agenda 2030 das Nações Unidas para o desenvolvimento sustentável, que estabelece um plano de ação assente nas pessoas, no planeta, na prosperidade, na paz e nas parcerias, a Universidade do Algarve possui inúmeras linhas de investigação, desenvolvidas em consórcios europeus ou internacionais, cujos projetos se inserem nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

A sua localização privilegiada junto ao Aeroporto Internacional de Faro, numa região cosmopolita e multicultural, bem como as excelentes condições que a UAlg tem para oferecer, fazem com que, cada vez mais, a Academia do sul do País adquira um estatuto central e internacional.



ANTÓNIO BRANCO

REITOR
2013 a 2017

A minha gota no oceano dos 40 anos da UAlg

Exerci o cargo de reitor entre 2013 e 2017, vinte e dois anos depois de ter ingressado na Universidade do Algarve como assistente convidado da Unidade de Ciências Exatas e Humanas.

Quando tomei posse, o país encontrava-se no auge da aplicação do chamado «memorando da troika» e a viver uma crise de enormes proporções. No Algarve, a taxa de desemprego (16,9%) era superior à nacional (16,2%), sinalizando uma violenta recessão que também atingiu dramaticamente os organismos públicos, por causa dos profundos cortes orçamentais sucessivamente sofridos desde 2011. A Universidade do Algarve não era exceção. Segundo um relatório que apresentei a toda a comunidade no início do mandato (Evolução da situação da Universidade do Algarve entre 2010 e o presente: alguns indicadores), tínhamos perdido 8,5 milhões de euros (-20%) de receitas do Orçamento de Estado entre 2010 e 2014, prevendo-se que até 2015 essa diferença atingisse os -25%. Em consequência disso, as despesas com pessoal (a rubrica mais pesada do orçamento) já só eram suportadas em cerca de 80% pelo Orçamento de Estado, contra os 92,5% em 2010. Paralelamente, tínhamos sofrido uma forte quebra da receita de propinas, essencialmente devida a dois

fatores: uma diminuição pronunciada no número de alunos (-12%) e uma dívida significativa por incumprimento do pagamento (2 a 3 milhões de euros). Também tinha havido um forte decréscimo das receitas oriundas das prestações de serviço a entidades externas (-37%), a maior parte das quais entidades públicas. E estávamos no final de um ciclo do Quadro Comunitário de Apoio (2009-2013) – o que implicava concluirmos todos os projetos em curso, suportando o pagamento dos montantes referentes à contrapartida nacional. Finalmente, tínhamos sofrido uma pesada diminuição de pessoal (-10% de docentes, -13% de trabalhadores não-docentes), grassando nos existentes uma grande desmotivação causada pelo aumento das 35 para as 40 horas semanais, pelos cortes sofridos nos vencimentos, pelo «brutal aumento de impostos» e agravada pelo envelhecimento médio de docentes e trabalhadores não docentes, pelo congelamento das carreiras e concursos promocionais.

Neste contexto de crise profunda, que afetou a totalidade desse período, uma das marcas inevitáveis do mandato foi a da liderança do processo de resistência à aplicação não de todas, mas das mais gravosas medidas de gestão da «cartilha neoliberal», tendo simultaneamente sido garantida a sobrevivência da instituição – não obstante a perda de qualidade de muitas das suas atividades, que nunca deixei de referir publicamente. No final do mandato foi possível notar uma leve recuperação económica, ainda muito longe do desejável. Esse processo de resistência, de sobrevivência e de intensa procura de alternativas de sustentação económica fora do quadro neoliberal provocou em mim um enorme desgaste físico, intelectual e emocional, na sequência do qual decidi não me candidatar a um segundo mandato.

Destaco, agora, apenas alguns aspetos mais positivos desse período, já que este contexto não aconselha um balanço mais profundo:

– a maior e mais consistente abertura à região, desencadeada e robustecida pelo chamado «périplo» que decidi realizar pelos concelhos do Algarve;

– a execução de um ambicioso programa de comunicação institucional, que muito contribuiu para a reconstrução de uma perceção interna e externa francamente mais positiva da Universidade;

– a aposta firme na internacionalização do ensino, traduzida num enorme aumento de estudantes estrangeiros e, conseqüentemente, no reforço da vocação cosmopolita da instituição;

– o muito significativo investimento na melhoria da qualidade de residências de estudantes, bares e cantinas, aproveitando a boa saúde financeira dos Serviços de Ação Social;

– a transformação estratégica das desvantagens da pequena dimensão da Universidade nos benefícios da proximidade humana que ela proporciona;

– o empenho num equilíbrio internamente mais justo entre o subsistema universitário e o subsistema politécnico.

Ao longo dos últimos 40 anos, a Universidade do Algarve afirmou-se consistentemente como entidade de referência da região, tendo contribuído determinantemente para o seu progresso económico, social e cultural. Nesse período, consolidámos a maior parte das nossas áreas de ensino e investigação principais – destacando-se o especial vigor nacional e internacional das Ciências do Mar, do Turismo, de alguns campos das Ciências da Saúde. Ministramos, há dez anos, o mais original e diferente programa de educação médica do país, agora reforçado pela criação, em 2016, do ABC (sigla em língua inglesa do Centro Académico de Investigação e Formação Biomédica), em consórcio com o Centro Hospitalar Universitário do Algarve. Esse é um dos novos eixos de ensino e investigação que mais potencial de desenvolvimento apresenta, parecendo-me também ser aquele que mais poderá contribuir para a melhoria dos indicadores de prestação de cuidados de Saúde na região – desde que as duas instituições envolvidas saibam e queiram aproveitar da melhor forma as oportunidades criadas pelo ABC e aceitem progressivamente abraçar a visão estratégica conjunta e integrada que, no espírito da legislação orientadora, ele favorece e protagoniza. Creio, aliás, que a reivindicação de construção do muito desejado (e há muito prometido) novo Hospital Central também sairá reforçada pela demonstração de grande consistência dessa nova estratégia comum exercida através do ABC.

Finalmente, creio que, nas próximas décadas, a Universidade do Algarve deverá ser capaz de multiplicar, internamente, os grupos de ensino e investigação baseados na interdisciplinaridade, como aquela que já se conseguiu no campo tão frutífero da Dieta Mediterrânica. Parece-me evidente ser esse o caminho preferencial de uma pequena instituição de ensino superior que, por esse motivo, nunca terá a oportunidade de ver elevadas aos mais altos padrões de qualidade todas as áreas que nela se ensinam e investigam.

António Branco



Teresa Cerveira Borges

RELAÇÕES INTERNACIONAIS E MOBILIDADE



Licenciada em Biologia, ramo científico, Teresa Cerveira Borges chegou à Universidade do Algarve em 1990, ano em que terminou o seu doutoramento em Biologia Pesqueira na Universidade de Tromsø, Noruega. Atualmente, é professora auxiliar da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UAlg e investigadora do Centro de Ciências do Mar (CCMAR).

Cerca de um ano após ter chegado à Academia algarvia, a docente rumou a Bruxelas para exercer funções como Agente Científico na Direção Geral das Pescas da Comissão Europeia. Voltou três anos mais tarde, em maio de 1994.

Na UAlg, para além do seu trabalho enquanto docente da FCT e investigadora do CCMAR, Teresa Cerveira Borges foi pró-reitora para as Relações Internacionais e, entre 2008 e 2013, foi coordenadora do Serviço de Relações Externas, atual Gabinete de Relações Internacionais e Mobilidade (GRIM). Recordando essa última função, a docente revela: «Os seis anos constituíram uma experiência muito "cheia" de acontecimentos, realizações, satisfações e muitas frustrações».

Enquanto coordenadora do Serviço de Relações Externas, houve momentos em que pensou desistir, "mas como não é meu feito, continuei". Foi num desses momentos difíceis que a docente compreendeu a "fragilidade de um processo de internacionalização", confessa, salientando que o papel da Instituição para com os jovens que acolhe é importante na comunicação e no alerta. "Comunicar o que há, como e onde" e alertar para aquilo que é positivo ou negativo.

Apesar das dificuldades, Teresa Cerveira Borges destaca os momentos muito positivos. "Cada candidatura era um desafio; cada projeto ganha uma vitória; cada aluno a chegar uma incógnita; cada aluno a partir uma realização", revela.

Quando foi convidada para coordenar o serviço, a Universidade do Algarve estava a dar os primeiros passos na internacionalização.

No entanto, o processo era realizado de uma forma mais individual, do que institucional. "Eram os docentes que se candidatavam aos programas, sem grande apoio institucional, o que levava a que os projetos ficassem restringidos a um departamento ou pequeno grupo de investigação", recorda Teresa Cerveira Borges.

Após integrar o serviço, deu-se o *boom* da internacionalização na UAlg. A parte mais fácil, lembra, foi "convencer as pessoas" e a mais difícil "pôr a funcionar uma gestão minimamente eficiente, independente das pessoas envolvidas e dentro de uma legislação que ou bloqueava ou era omissa".

Relativamente à dinâmica dos projetos de cooperação internacional, Teresa Cerveira Borges destaca que foi a também docente da FCT, Alice Newton, que, "aproveitando os seus contactos e a existência de docentes de outras nacionalidades", conseguiu vários projetos, entre eles o mestrado internacional em Gestão da Água e da Costa. A docente lembra, ainda, que foi o então Reitor, João Guerreiro, que "visualizou o potencial da internacionalização da UAlg e deu o apoio institucional necessário para a formação de uma equipa que foi a chave para o seu êxito".

Foi com uma pequena equipa formada por 12 elementos que, ao longo dos primeiros anos de internacionalização, a Universidade conseguiu "triplicar o número de projetos de cooperação e de alunos incoming e quadruplicar o número de candidaturas de projetos, tornando-se na altura uma instituição de referência no processo de internacionalização do Ensino Superior em Portugal", confidencia Teresa Cerveira Borges.

Na opinião da docente, um dos aspetos fundamentais para o sucesso da altura foi conseguir "a compreensão e aceitação por parte de todos", referindo-se aos docentes, alunos, técnicos e serviços contratados. "Hoje podemos dizer que o processo de internacionalização da Universidade do Algarve existe e está instituído, apesar das falhas, muitas delas devido às limitações impostas pela legislação nacional", refere.

Otimista por natureza, Teresa Cerveira Borges vê a evolução da UAlg como "um copo meio cheio", pois, na sua opinião, a Academia "cresceu e bem". Como principais fatores de êxito elege o aumento do número de cursos e, consequentemente, do número de alunos, e a investigação, setor no qual "somos uma instituição de referência". A docente e investigadora acredita, também, que as reclamações que se fazem diariamente são "iguais às de muitas outras instituições pela Europa" e que, muitas vezes, se devem a fatores "não dependentes da UAlg". No entanto, destaca o "envelhecimento da Academia" como o fator mais preocupante, pois, como a própria afirma "o sistema está bloqueado", sem novas contratações.

Olhando para o futuro da UAlg, Teresa Cerveira Borges antevê "bons tempos", acreditando que "necessitamos de estratégias e de planeamentos com uma visão no futuro". Segundo a docente, «não se pode pensar somente no curto prazo, mas sim no futuro, a médio e longo prazo, pois os jovens hoje são diferentes dos do "nosso tempo", imagine-se como serão os jovens de amanhã».

O ALGARVE É O NOSSO CAMPUS



«A Universidade do Algarve representa um dos principais faróis da nossa região, sendo hoje uma instituição de inegável prestígio a nível nacional e internacional. Saúdo o trabalho realizado por centenas de profissionais que passaram por esta casa ao longo destas quatro décadas, assim como os milhares de alunos que aqui se formaram. Uma casa que conheço bem e que servi com muita honra durante sete anos, na qualidade de Professor Convitado. A Universidade do Algarve conta com o apoio e estima de toda a comunidade de Albufeira, em nome da qual desejo os maiores felicitades para o futuro da instituição.»

José Carlos Martins Rolo
Presidente da Câmara Municipal
de Albufeira



«Reconhecendo o importante papel que a Universidade do Algarve tem desempenhado, no contexto regional e nacional, ao nível da investigação e capacitação de recursos humanos em diversas áreas, assim como a capacidade que tem demonstrado em estabelecer sinergias, com vista ao desenvolvimento do território, estendo o meu agradecimento e a minha homenagem aos seus fundadores e a todos os que, ao longo de décadas, têm contribuído para a existência desta "fábrica de conhecimento".»

Osvaldo Gonçalves
Presidente da Câmara Municipal
de Alcoutim



«É com especial alegria e honra, que o Município de Aljezur se associa às comemorações do seu quadragésimo aniversário. "40 anos a construir futuro", é com esta frase simples, mas cheia de conteúdo, que esta instituição comemora tão importante data, pela importância que tem na história do Algarve, do País e, particularmente, do Município de Aljezur, onde muitos dos seus jovens fizeram o seu percurso académico, que os preparou e capacitou para o mundo do trabalho e para a vida. Um grande bem-haja a todos e todas que, ao longo dos quarenta anos da sua história, construíram uma instituição de excelência, contribuíram para o seu engrandecimento, fazendo da nossa Universidade uma instituição de referência, que prestigia o Algarve e que muito nos enche de orgulho. Muitos Parabéns, pelos 40 anos de existência a construir o futuro.»

José Manuel Lucas Gonçalves
Presidente da Câmara Municipal
de Aljezur



«Castro Marim reconhece a Universidade do Algarve, como um dos investimentos públicos, que mais tem contribuído para a afirmação e competitividade territorial, quer por via do conhecimento por si potenciado, quer pelos milhares de quadros técnicos por si formados, geradores de riqueza e integrados na cadeia de valor de centenas de empresas e instituições. O desígnio, sonho e visão, de uma Universidade para a região, no calor de Abril, num Portugal tão desigual, é hoje, 40 anos depois, um marco na nossa história cultural, científica e socioeconómica, resultado do trabalho de toda a comunidade académica. A cada Magnífico Reitor que com um cunho pessoal, distinto curriculum, em cada momento, tem contribuído para o posicionamento e notoriedade de tão distinta instituição, na região, no país e no mundo, uma palavra de apreço. A todos um bem haja.»

Filomena Pascoal Sintra
Presidente da Comissão Administrativa da
Câmara Municipal de Castro Marim



«A Universidade do Algarve está de parabéns pelo enorme contributo que tem dado ao desenvolvimento da nossa Região. O principal desafio é que esta preserve a sua orientação de investigação, ao mesmo tempo que possa continuar a afirmar o seu relevante papel numa sociedade, cada vez mais fundada no conhecimento, e que olha para a sua academia como um suporte à inovação e um constante desafio à própria liderança de políticas locais que nos conduzam a uma região mais sustentável e empreendedora.»

Rui André
Presidente da Câmara Municipal
de Monchique



«Celebrar os 40 anos da Universidade do Algarve significa reconhecer a maturidade da Instituição e a consolidação do projeto. Parabéns a quem teve a visão e a planeou. Parabéns a todos os que emprestaram o seu trabalho, energia, talento e resiliência ao longo destes anos. O resultado está à vista: é uma Instituição reconhecida internacionalmente, que orgulha Portugal, os Algarvios e que tem um enorme impacto na região onde está implantada.»

António Miguel Pina
Presidente da Câmara Municipal
de Olhão



«É com grande regozijo que o Município de Portimão se associa a tão importante efeméride sendo da mais elementar justiça reconhecer a importância e o papel basilar que a Universidade do Algarve, ao longo de 40 anos, desempenhou no desenvolvimento da região algarvia. Sem esta instituição, formadora de milhares de quadros superiores, com provas dadas na área da investigação, com certeza que hoje viveríamos uma realidade diferente. Uma nota particular de reconhecimento à Universidade do Algarve, instituição com a qual ao longo da minha carreira, nos diferentes cargos públicos que ocupei, tive sempre o privilégio de poder contar.»

Isilda Gomes
Presidente da Câmara Municipal
de Portimão



«Reconhecida a nível internacional pelo trabalho de excelência desenvolvido, a Universidade do Algarve é hoje uma referência na qualificação de profissionais e na dinamização de parcerias multidisciplinares promotoras de novas soluções para os desafios da atualidade. Quatro décadas de dedicação a um projeto de valorização do potencial humano, de investigação, de estudo, de novos conhecimentos e um contributo inestimável para o desenvolvimento científico, económico, social e ambiental de toda a região do Algarve. Nesta feliz ocasião, em que se celebra o 40º aniversário da Universidade do Algarve, gostaria de enaltecer a visão e a missão abraçadas por esta instituição ao longo destes 40 anos. Um bem-haja a todos os envolvidos neste nobre percurso.»

Vitor Manuel Martins Guerreiro
Presidente da Câmara Municipal
de São Brás de Alportel





«Apostar na criação da Universidade do Algarve, há 40 anos, exigiu coragem e arrojo mas o resultado desse esforço é hoje reconhecido por todos. A Universidade do Algarve é, seguramente, o projeto que mais contribuiu para o desenvolvimento da Região nos últimos 40 anos. Muito do crescimento de Faro, como uma das mais importantes capitais regionais do país, deve-se também à dinâmica, à excelência e à capacidade transformadora da Universidade do Algarve que, cada vez mais, se afirma como referência no ensino e na investigação nacional e internacional.

Por tudo isto, Faro e o Algarve têm uma grande dívida de gratidão para com os pais fundadores da universidade, os seus magníficos reitores, todo o corpo docente, funcionários e alunos que algum dia passaram por esta instituição.

Parabéns a todos os que construíram a sua História e longa vida à Universidade do Algarve!»

Rogério Bacalhau

Presidente da Câmara Municipal de Faro



«Em nome do Município de Lagoa, e em meu nome pessoal, felicito vivamente a Universidade do Algarve pelos seus 40 anos de vida. Formulamos votos do maior êxito nas respostas aos desafios do futuro: A sustentabilidade e a agenda 2030, a proximidade e a qualificação das pessoas, estão entre as prioridades em que convergimos.

Porque no Algarve "eleva-se em nós um canto que não conheceu nascente e não terá morte em estuário", como nos versos de S.J. Perse.»

Francisco Malveiro Martins

Presidente da Câmara Municipal de Lagoa



«É com orgulho que me associo ao 40º aniversário da Universidade do Algarve, felicitando toda a Academia algarvia pelo trabalho realizado em prol do conhecimento, da ciência, da inovação e formação de sucessivas gerações de jovens. A UAlg não só soube conquistar o seu lugar, oferecendo uma diversidade de respostas e atraindo um leque cada vez mais heterogéneo de estudantes, como conseguiu destacar-se internacionalmente pela excelência da investigação em várias áreas do conhecimento, contribuindo para a afirmação da região.»

Maria Joaquina Matos

Presidente da Câmara Municipal de Lagos



«Celebrar 40 anos da Universidade do Algarve é afirmar a plena confiança na academia. É homenagear os algarvios que a sonharam e criaram, assim como aqueles que lhe vão dando vida. Como algarvio e autarca orgulho-me da nossa Universidade por apostar na excelência, sendo parceiro ativo no desenvolvimento regional. Que a academia ouse transformar o Algarve numa região do conhecimento, são os votos para mais 40 anos!»

Vitor Aleixo

Presidente da Câmara Municipal de Loulé



«A criação da Universidade do Algarve culminou esforços notáveis, representou um marco histórico, de valor inquestionável para o desenvolvimento da região, no âmbito da cultura, I&D, capital humano, inovação, tecnologia e economia. É fundamental a relação umbilical Universidade-empresa, a ligação mais profícua entre investigação fundamental e aplicada e a criação de infraestruturas científico-tecnológicas.»

Rosa Cristina Gonçalves da Palma

Presidente da Câmara Municipal de Silves



«No seu 40º aniversário podemos afirmar que a UAlg deu frutos. É reconhecida nacional e internacionalmente, a qualidade educativa ministrada é de excelência, os seus alunos possuem um alto nível de desempenho. A UAlg participa ativamente na definição daquilo que queremos para o Algarve. Um território de oportunidades, inovador, todo o ano, sustentável, com qualidade, que potencia os recursos endógenos e emprega os quadros por si formados nos campus de Gambelas e Penha, que aposta na competitividade da região nos seus diversos planos. Aos antigos reitores, corpo docente, não docente e alunos felicito pelo aniversário e ao Sr. Reitor Paulo Águas manifesto os desejos profundos de excelente trabalho e de disponibilidade permanente para continuar a engrandecer a UAlg e o Algarve.»

Jorge Botelho

Presidente da Câmara Municipal de Tavira



«Primeiramente gostaria de enaltecer todos os que contribuíram, ao longo das últimas 4 décadas, para a fundação e desenvolvimento da maior instituição de ensino superior do Algarve.

Na pessoa do magnífico reitor, Paulo Águas, agradeço, em especial, a todos os ex-Reitores, docentes, alunos e funcionários, por contribuírem, significativamente, para o crescimento de uma instituição que honra o Algarve e todos os portugueses. Sem dúvida que, ao assinalarmos os 40 anos da Universidade do Algarve, estamos, também, a celebrar os 40 anos do maior projeto regional. Um projeto de que nos orgulhamos do seu presente e passado, e onde antevemos um futuro promissor.»

Adelino Augusto da Rocha Soares

Presidente da Câmara Municipal de Vila do Bispo



«Saúdo com vivo prazer a Universidade do Algarve pelos seus jovens e maduros quarenta anos. Com especial e sentido afeto, abraço na mesma saudação todas as pessoas que, dando o melhor de si mesmas, se envolveram em prol da realização desta extraordinária e reconhecida instituição cultural e científica. Que a UAlg seja sempre um símbolo e uma realização da democratização do ensino e da cultura, enriquecendo mais e mais a alma do Algarve.»

Maria da Conceição Cíprano Cabrita

Presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António





OPINIÃO

Pedro Ornelas

Presidente da Associação Académica da Universidade do Algarve



Chegou o tempo de festejarmos

Festejamos uma data de *mui* nobre importância para a academia a que orgulhosamente todos pertencemos.

Como tal, a Associação Académica da Universidade do Algarve (AAUAlg) não poderia deixar de estar presente nas comemorações deste marco que tanto nos orgulha a todos.

São quarenta anos que se traduzem em inúmeras histórias vivenciadas.

Entre as suas paredes muitas amizades cresceram, milhares de estudantes capacitaram a sua formação pessoal e profissional e os seus estudos levaram ao seu desenvolvimento de capacidades.

Nos corredores, salas, auditórios, anfiteatros ou jardins desta que é a nossa "casa" durante estes 40 anos saíram os maiores quadros do ensino superior. Saem alunos de excelência, professores exímios, investigadores de qualidade, funcionários apaixonados pela UAlg, e outras tantas pessoas, convivendo harmoniosamente e contribuindo para um espírito de entreatajuda e cooperação que tornam a academia em algo único e impar a nível nacional.

Na visão da AAUAlg, as instituições de ensino superior devem sempre ser vistas como espaço de crescimento, sendo que não nos devemos limitar a considerá-las como um espaço exclusivamente de crescimento profissional.

A Universidade do Algarve é muito mais do que uma instituição onde existem individuais com vontade de crescer em sabedoria e se formam para a sua vida profissional. As quatro décadas da nossa universidade são o espelhar do crescimento pessoal de todos que por aqui têm passado e a AAUAlg faz-se presente na história de crescimento da instituição que tanto nos orgulha.

A AAUAlg, enquanto representante estudantil da UAlg, nasceu da união de diferentes associações que representavam os estudantes nos primórdios da Universidade do Algarve, sendo que partilhámos 22 anos de existência, 22 anos que nos orgulham profundamente.

UAlg, essencialmente feita de estudantes e nas memórias que agora recordamos contam-se vários momentos de lutas conjuntas, mas, por vezes, também de discórdia. No entanto, mesmo nos momentos menos bons, o que marcou sempre estes anos

foi o poder de encontrar soluções que sempre deram dimensão à instituição e que valorizaram a posição dos estudantes enquanto a alma viva da academia.

Este ano especial e de celebração deve ser vivido de diferentes formas: revivendo as memórias e feitos alcançados pela instituição, mas também pensando em tudo o que ainda poderá ser alcançado no futuro que se aproxima.

As instituições de ensino superior são as portas de futuro para a juventude e não podemos preparar o futuro dos nossos jovens se não atualizarmos a nossa instituição e a dotarmos de mais e melhores competências de forma a fazer-se o desbaste do conhecimento como um todo.

Desta forma, desejamos que os próximos anos da UAlg sejam vividos sempre com as maiores felicidades e sucesso de todos os que diariamente vivem os diversos *campi*.

Fica assim o desejo da AAUAlg no sucesso da Universidade do Algarve e dos últimos 40 anos serem vistos como uma preparação do que temos em diante.





UNIVERSIDADE
DO ALGARVE
1979 - 2019

